

**GOSTARIA DE BAIXAR
TODAS AS LISTAS
DO PROJETO MEDICINA
DE UMA VEZ?**

CLIQUE AQUI

ACESSE

WWW.PROJETOMEDICINA.COM.BR/PRODUTOS



Projeto Medicina

Exercícios com Gabarito de Português

Artigo, Pronome e Numeral

1) (Fatec-2002) Texto I

Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba. Ela já ia atravessando atravessando o corgo pelo pau. Depois dela passar o herói gritou pra pinguela:

- Viu alguma coisa, pau?
- Via a graça dela!
- Quá! quá! quá quaquá!...

Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagoa. A moça estava sentada na borda duma igarité encaçada na praia. Toda nua inda do banho comia tambiús vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na água rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagoa pra ela comer. A crilada das ondas amontoava nas costas dele porém escorregando no corpo nu molhado caía de novo na lagoa com risadinhas de pingos. A moça batia com os pés n'água e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando jeitoso, cegando o rapaz. Então ele enfiava a cabeça na lagoa e trazia a boca cheia de água. A moça apertava com os pés as bochechas dele e recebia o jato em cheio na barriga, assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companheira ergueu o busto da água, estirou o braço pro alto e principiou tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudesse comer sossegada os tambiús. Então pra agradecer ela enfiou três lambarizinhos na boca dele e rindo muito fastou o joelho depressa. O busto do rapaz não teve apoio mais e ele no sufragante focinhou n'água até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com os pés. Ele ia escorregando sem perceber de tanta graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal a canoa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso. Todos os tambiús fugiram enquanto os dois brincavam n'água outra vez.

(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Texto II

De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora persignar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa

e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade lingüística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteiramos, solícito; e nos será grata empresa vo-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que à grande e quase total maioria, nem essas duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado. (Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Assinale a alternativa que transcreve e converte, correta e respectivamente, a frase do registro coloquial da linguagem, extraída do Texto I, em seu correspondente na modalidade culta.

- a) *“Pois deixai ela virar”* / *“Pois deixa-a virar”*.
- b) *“Ele deitara de bruços na água”* / *“Ele tinha deitado de bruços na água”*.
- c) *“Depois dela passar”* / *“Depois de ela passar”*.
- d) *“ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso”* / *“ele enrolou-se nela mesmo sendo um apuizeiro carinhoso”*.
- e) *“Ia escorregando e afinal a canoa virou”* / *“Ia escorregando e até que enfim a canoa virou”*.

2) (FGV-2005) No quarto parágrafo, é possível acrescentar uma preposição combinada com um artigo. Qual é a combinação? Em que frase ela pode aparecer? Justifique.

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.

10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. “A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão.” O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: “Aonde vais, Clarissa?” Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

3) (Fuvest-2000) As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrihadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tecedeiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente.

(*Eça de Queirós, A ilustre Casa de Ramires*)

No texto, o emprego de artigos definidos e a omissão de artigos indefinidos têm como efeito, respectivamente,
a) atribuir às personagens traços negativos de caráter; apontar Oliveira como cidade onde tudo acontece.
b) acentuar a exclusividade do comportamento típico das personagens; marcar a generalidade das situações que são objeto de seus comentários.
c) definir a conduta das duas irmãs como criticável; colocá-las como responsáveis pela maioria dos acontecimentos na cidade.
d) particularizar a maneira de ser das manas Lousadas; situá-las numa cidade onde são famosas pela maledicência.
e) associar as ações das duas irmãs; enfatizar seu livre acesso a qualquer ambiente na cidade.

4) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro moreno como vocês.

Ponteei viola, guiei forde e aprendi na mesa dos bares que o nacionalismo é uma virtude. Mas há uma hora em que os bares se fecham e todas as virtudes se negam.

Carlos Drummond de Andrade

Assinale a afirmativa correta.

- a) Do segundo ao quinto verso, detalha-se o sentido de fui brasileiro (primeiro verso).
- b) A palavra também (primeiro verso) é índice de um pressuposto: todos os leitores são brasileiros.
- c) O modo e o tempo de todos os verbos indicam ações inconclusas no passado.
- d) No trecho há uma hora em que os bares se fecham (sexto verso) ocorre ambigüidade: uma pode ser artigo indefinido ou numeral.
- e) Os termos bares (quarto verso), viola e forde (terceiro verso) são complementos verbais.

5) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente

correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.

Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.

A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.

Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública. Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal "discriminação positiva". Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo. (Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Os complementos de *Odeio* e *Abomino* apresentam o mesmo tipo de estrutura sintática: uma série de três sintagmas nominais. Esse paralelismo entre as duas construções é quebrado apenas pela forma do sintagma *a retórica politicamente correta*, o qual se diferencia dos outros por estar no singular e por ser determinado pelo artigo definido *a*. Pode-se inferir daí que o autor considera *a retórica politicamente correta* um fato

- a) amplamente conhecido
- b) de menor importância
- c) pouco comum
- d) de grande importância

6) (UFRJ-1996) Na verdade, à primeira vista, seu aspecto era de um velho como tantos outros, de idade indefinida, rugas, cabelos brancos, uma barba que lhe dará um vago ar de sabedoria e respeitabilidade. Mas uma certa

agilidade e o porte ereto darão a impressão de que, apesar da aparência de velho, o viajante guardará o vigor da juventude. E os olhos... ah, o brilho dos olhos será absolutamente sem idade, um brilho deslumbrado como o de um bebê, curioso como o de um menino, desafiador como o de um jovem, sábio como o de um homem maduro, maroto como o de um velhinho bem-humorado que conseguisse somar tudo isso.

(MACHADO, Ana Maria. O CANTO DA PRAÇA. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.)

Confronte os trechos destacados nos trechos A e B.

A

"apesar da aparência DE VELHO"

B

"seu aspecto era DE UM VELHO COMO TANTOS OUTROS"
"maroto como o DE UM VELHINHO BEM-HUMORADO"

a) Como se justifica a ausência de artigo no trecho destacado no trecho A?

b) No trecho B, o artigo indefinido tem seu sentido reiterado em um dos dois trechos destacados.

Que recurso lingüístico é responsável por essa reiteração? Explique sua resposta.

7) (Cesgranrio-1994) REFLEXIVO

O que não escrevi, calou-me.

O que não fiz, partiu-me.

O que não senti, doeu-se.

O que não vivi, morreu-se.

O que adiei, adeus-se.

(Affonso Romano de Sant'Anna)

Assinale a classificação gramatical correta para os vocábulos 'O' e 'se':

"O que adiei, adeus-se" (2º parágrafo)

a) artigo - pronome reflexivo.

b) pronome pessoal oblíquo - pronome apassivador.

c) pronome pessoal oblíquo - pronome reflexivo.

d) pronome demonstrativo - palavra de realce.

e) pronome demonstrativo - pronome apassivador.

8) (Cesgranrio-1994) Assinale a opção em que o emprego do pronome pessoal NÃO obedece à norma culta da língua.

a) A imagem do país para si mesmo é satisfatória.

b) Levou consigo as mágoas da nação.

c) Vim falar consigo sobre as violências recentes.

d) Para mim, violar as leis é inadmissível.

e) Resolvemos discutir as questões para eu não ficar alheio às dificuldades dos fatos.

9) (Enem Cancelado-2009) Vera, Sílvia e Emília saíram para passear pela chácara com Irene.

- A **senhora** tem um jardim deslumbrante, dona Irene! — comenta Sílvia, maravilhada diante dos canteiros de rosas e hortênsias.

- Para começar, deixe o "senhora" de lado e esqueça o "dona" também — diz Irene, sorrindo. — Já é um custo agüentar a Vera me chamando de "tia" o tempo todo. Meu nome é Irene.

Todas sorriem. Irene prossegue:

- Agradeço os elogios para o jardim, só que **você** vai ter de fazê-los para a Eulália, que é quem cuida das flores. Eu sou um fracasso na jardinagem.

BAGNO, M. **A língua de Eulália: Novela Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2003 (adaptado).

Na língua "portuguesa, a escolha por 'Você' ou 'senhor (a)' denota o grau de liberdade ou de respeito que deve haver entre os interlocutores. No diálogo apresentado acima, observa-se o emprego dessas formas. A personagem Sílvia emprega a forma "senhora" ao se referir à Irene. Na situação apresentada no texto, o emprego de "senhora" ao se referir à interlocutora ocorre porque Sílvia

- pensa que Irene é a jardineira da casa.
- acredita que Irene gosta de todos que a visitam.
- observa que Irene e Eulália são pessoas que vivem em área rural.
- deseja expressar por meio de sua fala o ato de sua família conhecer Irene.
- considera que Irene é uma pessoa mais velha, com a qual não tem intimidade

10) (Enem Cancelado-2009) Paris, filho do rei de Tróia, raptou Helena, mulher de um rei grego. Isso provocou um sangrento conflito de dez anos, entre os séculos XI e XII a. C. Foi o primeiro choque entre o ocidente e o oriente. Mas os gregos conseguiram enganar os troianos. Deixaram à porta de seus muros fortificados um imenso cavalo de madeira. Os troianos, felizes com o presente, puseram-no para dentro. À noite, os soldados gregos, que estavam escondidos no cavalo, saíram e abriram as portas da fortaleza para a invasão. Daí surgiu a expressão "presente de grego".

DUARTE, Marcelo. O guia dos curiosos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Em "puseram-no", a forma pronominal "no" refere-se

- ao termo "rei grego".
- ao antecedente "gregos".
- ao antecedente distante "choque".
- à expressão "muros fortificados".
- aos termos "presente" e "cavalo de madeira".

11) (ESPM-2006) Assinale o item em que o pronome grifado tenha valor semântico de **possessivo**:

- "A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa." (Machado de Assis)
- "Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer." (Machado de Assis)

c) "Perdi-me dentro de mim / Porque eu era labirinto" (Mário de Sá Carneiro)

d) "Vou-me embora pra Pasárgada / Lá sou amigo do rei!" (Manuel Bandeira)

e) "Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais." (Clarice Lispector)

12) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

(Vinícius de Moraes)

"De repente do riso fez-se o pranto".

À colocação do pronome "se" depois do verbo (fez-se) dá-se o nome:

- próclise
- ênclise
- mesóclise
- tmese
- mesóclise imprópria

13) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante

Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

(Vinícius de Moraes)

"E das bocas unidas fez-se a espuma". Sujeito do verbo fazer:

- a) bocas
- b) alimentação
- c) eco
- d) espuma
- e) indeterminado

14) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Começando o período com a terceira oração, respeitando o sentido, escreveríamos assim:

- a) cada pessoa que chegava não podia ver, porque se punha na ponta dos pés.
- b) cada pessoa que chegava não podia ver, se se pusesse na ponta dos pés.
- c) cada pessoa que chegava não podia ver, mas se punha na ponta dos pés.

d) cada pessoa que chegava não podia ver, a fim de se pôr na ponta dos pés.

e) cada pessoa que chegava não podia ver, quando se punha na ponta dos pés.

15) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Assinale a forma errada do imperativo:

- a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés.
- b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés.
- c) ponhamo-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés.
- d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés.
- e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés.

16) (Faap-1996) Hão de chorar por ela os cinamomos, Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,

Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu, silente e fria..."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - "Por que não vieram juntos?"
(Alphonsus de Guimaraens)

"Pois ela SE morreu...". A palavra SE é:

- a) pronome reflexivo
- b) pronome recíproco
- c) índice da indeterminação do sujeito
- d) partícula apassivadora
- e) partícula de espontaneidade

17) (Faap-1996) Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada,
entra, e sob este teto encontrarás carinho:
Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho.
Vives sozinha sempre e nunca foste amada.

A neve anda a branquear lividamente a estrada,
e a minha alcova tem a tepidez de um ninho.
Entra, ao menos até que as curvas do caminho
se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã quando a luz do sol dourar radiosa
essa estrada sem fim, deserta, horrenda e nua,
podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha:
Há de ficar comigo uma saudade tua...
Hás de levar contigo uma saudade minha...
(Alceu Wamosy)

"e sob este teto encontrarás CARINHO". Com pronome no lugar da palavra maiúscula, temos:

- a) e sob este teto encontrarás-a
- b) e sob este teto te encontrarás
- c) e sob este teto lhe encontrarás
- d) e sob este teto encontrá-lo-ás
- e) e sob este teto encontrar-te-ás

18) (Faap-1997) Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao

gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... . Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.
Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.
Fialho de Almeida

"... e fez O CRÍTICO à semelhança do gato."

Com pronome no lugar da palavra em maiúsculo:

- a) e lhe fez à semelhança do gato.
- b) e fez-lhe à semelhança do gato.
- c) e te fez à semelhança do gato.
- d) e fez-o à semelhança do gato.
- e) e fê-lo à semelhança do gato.

19) (Fameca-2006) Temos todos duas vidas:
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos num substrato de névoa;
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.
Na outra não há caixões, nem mortes,
Há só ilustrações de infância:
Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;
Grandes pátinas de cores para recordar mais tarde.
Na outra somos nós,
Na outra vivemos;
Nesta morremos, que é o que viver quer dizer;
(Fernando Pessoa, *Poesias de Álvaro de Campos*)

O poeta fala em duas vidas, em seu poema.

- a) Como aplica a elas o conceito de verdadeiro e falso?
- b) Qual a referência do pronome *aquela* e dos pronomes *outra* e *esta*, na 2.ª estrofe?

20) (Fatec-1995) Assinale a alternativa que completa corretamente as três frases que se seguem.

O século _____ vivemos tem trazido grandes transformações ao planeta.

O ministro reafirma a informação _____ o presidente se referiu em seu último pronunciamento.

Todos lamentavam a morte do editor _____ publicou obras importantes do Modernismo.

- a) onde - a que - que
- b) onde - a que - cujo
- c) em que - que - o cujo
- d) em que - a que - que
- e) em que - de que - o qual

21) (Fatec-1997) Assinale a alternativa em que a substituição do(s) termo(s) em maiúsculo(s), na frase I, pelo pronome da frase II está correta.

- a)
I - Deixe A MOÇA decidir com calma.
II - Deixe ela decidir com calma.
- b)
I - Entende que não há nada entre FULANO e os envolvidos no escândalo dos precatórios.
II - Entende que não há nada entre eu e os envolvidos no escândalo dos precatórios.
- c)
I - Espero, até que façam O CANDIDATO entrar na sala.
II - Espero, até que façam ele entrar na sala.
- d)
I - O homem, igual A SI mesmo.
II - Eu, igual a mim mesmo.
- e)
I - Poderá escolher outros dois técnicos para assessorar A DEPUTADA.
II - Poderá escolher outros dois técnicos para lhe assessorar.

22) (FEI-1995) Assinalar a alternativa na qual o pronome pessoal está empregado de forma incorreta:

- a) Estava aqui porque o mandaram visitar esta firma.
- b) Lembrei-lhe de que devia comparecer ao julgamento.
- c) Mandamos-lhe a encomenda pelo correio.
- d) Por esta vez, perdôo-lhe a ausência.
- e) Acuso-o de ambição desmedida.

23) (FGV-2002) Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Por acaso, não é este o livro _____ o professor se refere?
2. As Olimpíadas _____ abertura assistimos foram as de Tóquio.
3. Herdei de meus pais os princípios morais _____ tanto luto.
4. É bom que você conheça antes as pessoas _____ vai trabalhar.
5. A prefeita construirá uma estrada do centro ao morro _____ será construída a igreja.
6. Ainda não foi localizada a arca _____ os piratas guardavam seus tesouros.

- a) de que, cuja, para que, com os quais, sobre que, em que.

- b) que, de cuja, com que, para quem, no qual, que.
- c) em que, cuja, de que, para os quais, onde, na qual.
- d) a que, a cuja, em que, com que, que, em que.
- e) a que, a cuja, por que, com quem, sobre o qual, onde.

24) (FGV-2002) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:

“Eu _____ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque _____ anos que não _____ via.”

- a) lhe, lhe, há, lhe.
- b) o, o, haviam, o.
- c) lhe, o, havia, lhe.
- d) o, lhe, haviam, o.
- e) o, o, havia, o.

25) (FGV-2001) Complete a frase abaixo, usando os pronomes pessoais das três pessoas do singular e os verbos solicitados nos parênteses. Se for necessário, faça as adaptações adequadas.

Nós formamos uma equipe de três. Portanto, sem _____ (1ª), sem _____ (2ª) e sem _____ (3ª) não será possível fazer o trabalho, já que é para _____ (1ª) comprar o material, para _____ (2ª) _____ (PREPARAR) o projeto e para _____ (3ª) _____ (EXECUTAR + O).

26) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construía especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.

Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto

irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.

Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamentalmente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócô-có malicioso. O ingrato.

(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Na frase “A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede...”, ocorre o pronome *lhe*. É possível alterar a posição desse pronome, transformando o período em “A sensação direta da água nos pés anunciava que era hora de matar-lhe a sede...”. Feita a transformação, pergunta-se: que implicação ela traz à frase?

27) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.

Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto

irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.

Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamentalmente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócô-có malicioso. O ingrato.

(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Compare o uso de *toda* nas frases adiante:

...toda a cabeça mergulhava no líquido... e

O instinto materno está presente em toda mulher.

Existe diferença de sentido entre os dois usos dessa palavra? Explique.

28) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz. Depois, responda à questão nele baseada.

As irmãs [Trata-se de **freiras**, como se perceberá adiante.- Nota da Banca Examinadora] me intimidavam sempre, como no primeiro dia. Não saberia nunca ficar à vontade com elas, como Glória, discutir, pedir coisas. E, muito menos, igual a Maria José, escolher entre as irmãs uma amiga, tomá-la como conselheira e confidente.

E dava-me mágoa essa inibição; as irmãs eram porém tão distantes, tão diferentes! Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como o faziam Maria José e Glória. Considerava-as fora da humanidade, não me abandonara nunca a impressão de distância sobrenatural que me haviam dado na noite da chegada. Não conseguiria imaginar uma irmã, comendo, vestindo-se, dormindo; não podia crer que houvesse um coração de mulher, um corpo de mulher debaixo da lã pesada do hábito.

A propósito do segmento de frase “Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação...”, atenda ao que se pede abaixo.

- Explique o uso do pronome **mim**, em vez do pronome **eu**.
- Se, no lugar de **elas**, que é pronome pessoal de terceira pessoa do plural, utilizássemos outro, de segunda pessoa do singular, qual seria ele?
- Explique por que a forma verbal **Seria** (em **Ser-me-ia**) está na terceira pessoa do singular.

29) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de As Três Marias, de Rachel de Queiroz. Depois, responda à questão nele baseada.

As irmãs [Trata-se de **freiras**, como se perceberá adiante. - Nota da Banca Examinadora] me intimidavam sempre, como no primeiro dia. Não saberia nunca ficar à vontade com elas, como Glória, discutir, pedir coisas. E, muito menos, igual a Maria José, escolher entre as irmãs uma amiga, tomá-la como conselheira e confidente.

E dava-me mágoa essa inibição; as irmãs eram porém tão distantes, tão diferentes! Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como o faziam Maria José e Glória. Considerava-as fora da humanidade, não me abandonara nunca a impressão de distância sobrenatural que me haviam dado na noite da chegada. Não conseguiria imaginar uma irmã, comendo, vestindo-se, dormindo; não podia crer que houvesse um coração de mulher, um corpo de mulher debaixo da lã pesada do hábito.

O segundo parágrafo do texto informa que Maria José e Glória faziam algo. O que faziam elas? Explique o que leva a essa conclusão.

30) (FGV-2001) Examine o período abaixo. Se não contiver erro, transcreva-o, apenas. Se contiver erro, transcreva-o, mas corrija o erro.

Aproveitamos a oportunidade para informá-lo de que nosso representante irá em breve visitá-lo, onde, temos certeza, iniciaremos novos negócios.

31) (FGV-2001) O tratamento utilizado no diálogo abaixo corresponde à segunda pessoa do plural. As marcas desse tratamento aparecem destacadas em negrito.

- **Vosso** passado **vos** condena. **Saí** daqui antes que eu **vos** mate.

- **Esperai**, que já **vos** mostro. Não **tenteis** amedrontar-me!...

Se utilizarmos o tratamento correspondente à segunda pessoa do singular, obteremos, respectivamente:

a) **Seu** passado **o** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espera**, que já **lhe** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...

b) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tenta** amedrontar-me!...

c) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tentes** amedrontar-me!...

d) **Seu** passado **lhe** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...

e) **Teu** passado **o** condena. **Saí** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tentes** amedrontar-me!...

32) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Se V.Sa. comparecer a reunião, traga consigo vossa agenda.

Se V.Sa comparecer _____ reunião, traga _____ agenda.

33) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Em que pese os argumentos apresentados, o júri não se convenceu.

Em que _____ os argumentos apresentados, o _____ não se convenceu.

34) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”

O texto oferece condições para indicar, com precisão, o significado do pronome o na seguinte oração: “...não só **o** estava...”. Diga qual é esse significado. Explique qual defeito de estilo Machado de Assis evitou ao utilizar o pronome o.

35) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”

Em “Esta desceu pela Rua das Mangueiras...”, explique por que, no texto, se usou o pronome *esta* e não o pronome *ela*.

36) (FGV-2003) A frase abaixo foi extraída de recente anúncio para a venda de um imóvel. Comente o uso que nela se faz do pronome demonstrativo **isso**.

- Isso aqui é o Paraíso.

37) (FGV-2004) Caetano Veloso acaba de gravar uma canção, do filme *Lisbela e o Prisioneiro*. Trata-se de Você não me ensinou a te esquecer. A propósito do título da canção,

pode-se dizer que:

- A regra da uniformidade do tratamento é respeitada, e o estilo da frase revela a linguagem regional do autor.
- O desrespeito à norma sempre revela falta de conhecimento do idioma; nesse caso não é diferente.
- O correto seria dizer Você não me ensinou a lhe esquecer.
- Não deveria ocorrer a preposição nessa frase, já que o verbo ensinar é transitivo direto.
- Desrespeita-se a regra da uniformidade de tratamento. Com isso, o estilo da frase acaba por aproximar-se da fala.

38) (FGV-2004) Observe: "O diretor perguntou: - Onde estão os estagiários? Mandaram-nos sair? Estão no andar de cima?". O pronome sublinhado pertence:

- À terceira pessoa do plural.
- À segunda pessoa do singular.
- À terceira pessoa do singular.
- À primeira pessoa do plural.
- À segunda pessoa do plural.

39) (FGV-2004) Observe o período e as palavras sublinhadas:

O dicionário, imagem ordenada do mundo, constrói-se e desenvolve-se sobre palavras que viveram uma vida plena, que depois envelheceram e definham, primeiro geradas, depois geradoras, como o foram os homens e as mulheres que as fizeram e de que iriam ser, por sua vez, e ao mesmo tempo, senhores e servos.

A respeito das palavras sublinhadas, pergunta-se:

- Qual o antecedente que?
- Qual palavra é substituída por as?
- Que outra forma seria possível usar em lugar de de que?

- 40) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente

- peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
- tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
- uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
- esta rude gruta, onde ainda então não se via
- a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
- anos era inocente como a flor, e por isso alegre e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
- fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da rola; a causa disto estava no agradável parecer de um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
- sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
- o nome dela era Ahy.
- A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
- as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
- obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
- Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
- e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
- ar, refrescar a frente do guerreiro adormecido. Mas
- tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
- por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem fugiu-lhe e nem o esqueceu.
- Desde então tomou outro partido: chorou. Ou porque a sua dor era tão grande que lhe podia exprimir o amor em lágrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Selecione, das linhas 28, 29 e 30 do texto, duas palavras que tenham valor anafórico. Explique essas anáforas.

41) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia. (Texto de anúncio publicitário, editado.)

Na passagem - o consórcio que o Brasil inteiro confia - deve ser acrescentada uma preposição. Reescreva a passagem acrescentando essa preposição.

42) (FGV-2005) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível.

Considere o emprego de onde no trecho.

- Seu emprego mostra-se adequado, no contexto? Justifique sua resposta.
- Reescreva o trecho, empregando outra forma que possa substituir adequadamente a palavra onde, nesse contexto.

43) (FGV-2005) Qual o significado de **dos** na expressão **dos pequenos**, na linha 16? Que palavra da frase tem seu sentido restringido por essa expressão?

- HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
- Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
- Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
- volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
- Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
- cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
- descalços entra na Panificadora.
- Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
- sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
- Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
- esperando. Mas esperando quê?
- Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
- zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
- fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
- doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
- lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
- costume.
- Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
- Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
- Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
- degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.

- Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
- Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
- princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
- se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
- bolinhos e pão.
- Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
- Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
- Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
- chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
- Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
- E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
- descobrisse o grande mistério?
- Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
- Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
- medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
- alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
- Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

44) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:

Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos! Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo. Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.

(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

O emprego e a colocação do pronome estão de acordo com a norma culta na alternativa:

- a) Trata-se, evidentemente, de material muito simples, mas muitos dos que são alfabetizados não conseguem lê-lo, nem compreendê-lo.
- b) Pensemos na desobediência, na heresia e nas seitas e em como o conhecimento lhes introduziu no mundo.
- c) Lembre-se das rodas dentadas da pobreza, da ignorância, da falta de esperança e da baixa auto-estima e de como usam-as para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo.
- d) Temos dilemas que nos perseguem e inteligências brilhantes, que poderiam ajudar a solucionar eles rapidamente.
- e) Existe a idéia de que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos; os tiranos e os autocratas sempre compreenderam-na.

45) (FMTM-2002) Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. (...)

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas

não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

No trecho “via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço”, o pronome em destaque refere-se a

- a) saias.
- b) mulheres.
- c) homens.
- d) coxas.
- e) crianças.

46) (FMTM-2005) Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho. Depois [...] D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Durante alguns dias umas poucas de vezes Leonardo falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por pronto.

(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*. Adaptado)

Em - o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço - o pronome *lhe* é empregado com o sentido de posse, como ocorre também em

- a) Uma grande porção *lhe* caía sobre a testa.
- b) O compadre, como a própria D. Maria *lhe* pedira, continuou a visitá-la.
- c) Apenas o padrinho *lhe* anunciou que teriam de fazer a visita [...] pulou de contente.
- d) Leonardo lançou-*lhe* os olhos.
- e) Depois que *lhes* perdeu o gosto, sentava-se em um canto.

47) (FMTM-2005) Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a própria D. Maria *lhe* pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que *lhes* perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho. Depois [...] D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-*lhe* os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-*lhe* apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção *lhe* caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Durante alguns dias umas poucas de vezes Leonardo falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho *lhe* anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por pronto.

(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*. Adaptado)

E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. No trecho

destacado, os pronomes *este* e *daquele* referem-se, respectivamente, a

- a) pai e filho.
- b) filho e pai.
- c) filho e apelido.
- d) pai e Pataca.
- e) nome e apelido.

48) (FMTM-2005) Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado.

O pronome *que* refere-se a

- a) pai.
- b) criança.
- c) motivo.
- d) daquilo.
- e) alfinetada.

49) (Fuvest-2002) “O que dói nem é a frase (Quem paga seu salário sou eu), mas a postura arrogante. Você fala e o aluno nem presta atenção, como se você fosse uma empregada.”

(Adaptado de entrevista dada por uma professora. Folha de S. Paulo, 03/06/01)

a) A quem se refere o pronome *você*, tal como foi usado pela professora?

Esse uso é próprio de que variedade lingüística?

b) No trecho como se você fosse uma empregada, fica pressuposto algum tipo de discriminação social? Justifique sua resposta.

50) (Fuvest-1996) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Dessa forma,... estimular as obras do metrô, uma solução não poluente,... eficácia supera a de outras modalidades de transporte.

- a) impõem-se - da qual a
- b) impõe-se - que a
- c) impõem-se - cuja
- d) impõe-se - a qual a
- e) impõe-se - cuja

51) (Fuvest-1998) É mudo aquele a quem irmão chamamos,

E a mão que tantas vezes apertamos

Agora é fria já!

Não mais nos bancos esse rosto amigo

Hoje escondido no fatal jazigo

Conosco sorrirá!

Nestes versos de Casimiro de Abreu, o pronome sublinhado revela um emprego denotativo de

- a) tempo presente e proximidade física.
- b) tempo passado e proximidade física.
- c) tempo futuro e afastamento físico.
- d) tempo futuro e proximidade física.
- e) tempo passado e afastamento físico.

52) (Fuvest-2000) Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pôr em confronto **essas idéias** com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **dessas idéias**, à luz do princípio geral que vem regendo **as mesmas idéias**.

- a) Transcreva o texto, substituindo as expressões sublinhadas por pronomes pessoais que lhes sejam correspondentes e efetuando as alterações necessárias.
- b) Reescreva a oração *Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia*, introduzindo-a pela conjunção adequada e mantendo a correlação entre os tempos verbais.

53) (Fuvest-2000) Orientação para uso deste medicamento: antes de você usar este medicamento, verifica se o rótulo consta as seguintes informações, seu nome, nome de seu médico, data de manipulação e validade e fórmula do medicamento solicitado.

- a) Há no texto desvios em relação à norma culta. Reescreva-o, fazendo as correções necessárias.
- b) A que se refere, no contexto, o pronome seu da expressão “seu nome”? Justifique sua resposta.

54) (Fuvest-1994) Reduit é leite puro e saboroso. Reduit é saudável, pois nele quase toda gordura é retirada, permanecendo todas as outras qualidades nutricionais. Reduit é bom para jovens, adultos e dietas de baixas calorias.
(Texto em uma embalagem de leite em pó)

- a) No texto acima, a gordura pode ser entendida também como uma qualidade nutricional? Justifique sua resposta, transcrevendo do texto a expressão mais pertinente.
- b) As qualidades nutricionais de um produto, segundo o texto, sempre fazem bem à saúde? Justifique sua resposta.

55) (Fuvest-1995) - Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar destas cousas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros

homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

(Machado de Assis, O segredo do bonzo)

No segmento do texto "o ouvem ou contemplam", "se eles não existissem" e "se ninguém os vir", os pronomes o, eles e os referem-se, respectivamente, a:

- a) espírito, outros homens, frutos de uma laranjeira.
- b) sujeito, profundos conhecimentos, outros homens.
- c) saber, frutos de uma laranjeira, virtudes e conhecimentos.
- d) sujeito, virtudes e conhecimentos, frutos de uma laranjeira.
- e) espírito, virtudes e conhecimentos, outros homens.

56) (Fuvest-1996) Na frase, "TODO homem é mortal, porém o homem TODO não é mortal", o termo TODO é empregado com significados diferentes.

- a) Indique o sentido presente em cada uma das expressões.
- b) Justifique sua resposta.

57) (Fuvest-2005) “Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou--lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia”.
(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

No trecho “pisou-lhe o pé”, o pronome lhe assume valor possessivo, tal como ocorre em uma das seguintes frases, também extraídas de **Memórias póstumas de Brás Cubas**:

- a) “falei-lhe do marido, da filha, dos negócios, de tudo”.
- b) “mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência”.
- c) “se o relógio parava, eu dava-lhe corda”.
- d) “Procure-me, disse eu, poderei arranjar-lhe alguma coisa”.
- e) “envolvida numa espécie de mantéu, que lhe disfarçava as ondulações do talhe”.

58) (FUVEST-2007) O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro - e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador. *Rubem Braga, “A mulher que ia navegar”.*

O termo sublinhado no trecho “Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo” refere-se, no texto,
a) ao sorriso que ela dava quando lhe dirigiam a palavra.
b) ao prazer silencioso e longo que ela fruía ao sorrir.
c) à percepção do efeito das luzes do anúncio em seu braço.
d) à falta de atenção aos que se encontravam ali reunidos.
e) à alegria da roda de amigos que falavam de política e de pintura.

59) (FUVEST-2007) Preciso que um barco atravessasse o mar
Gosto e preciso de ti
lá longe
Mas quero logo explicar
para sair dessa cadeira
Não gosto porque preciso
para esquecer esse computador
Preciso sim, por gostar.
e ter olhos de sal
Mário Lago,
boca de peixe
<www.encantosepaixoes.com.br>
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)
Marina Colasanti, Gargantas abertas.

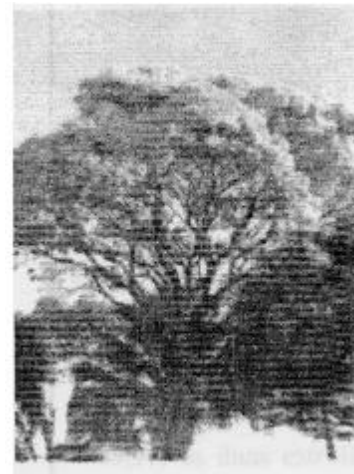
a) Nos poemas acima, as preposições “para” e “por” estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.
b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

60) (FVG - SP-2007) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas. .
(5) Mas que melhor metafísica que a delas.
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?
Alberco Caeiro

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.
d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.



61) (FVG - SP-2007)

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica.

A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake* sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.

Adélia Prado disse: "Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra". Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.

(Rubem Alves. *A complicada arte de ver. Folha de S.Paulo*, 26.10.2004)

* William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês.

Autor dos livros de poemas *Song of Innocence e Gates of Paradise*.

A respeito do pronome *disso*, na primeira linha do segundo parágrafo, pode-se dizer que é um

- a) possessivo de segunda pessoa e se refere ao conteúdo do parágrafo anterior.
- b) demonstrativo combinado com prefixo e se refere aos ipês floridos citados a seguir.
- c) demonstrativo masculino de segunda pessoa e se refere ao poeta William Blake.
- d) demonstrativo neutro que tem como referência a última frase do parágrafo anterior.
- e) possessivo neutro e se refere a Moisés diante da sarça ardente.

62) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagem da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.

Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.

Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações.

Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação. Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. *Psicologia Social das Organizações*. São Paulo: Atlas, 1970. Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Observe a frase “Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes”. Nela, para que a mensagem estivesse totalmente explícita, faltaria acrescentar uma palavra. Trata-se de:

- a) No.
- b) Dos.
- c) Pelos.
- d) Ao.
- e) Do.

63) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Briga de irmãos... Nós éramos cinco e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo. Isto não quer dizer que nos detestássemos. Pelo contrário. A gente gostava bastante uns dos outros e não podia viver na separação. Se um de nós ia para o colégio (era longe o colégio, a viagem se fazia a cavalo, dez léguas na estrada lamacenta, que o governo não conservava), os outros ficavam tristes uma semana. Depois esqueciam, mas a saudade do mano muitas vezes estragava o nosso banho no poço, irritava ainda mais o malogro da caça de passarinho: “Se Miguel estivesse aqui, garanto que você não deixava o tiziu fugir”, gritava Édison. “Você assustou ele falando alto... Miguel te quebrava a cara.” Miguel era o mais velho, e fora fazer o seu ginásio. Não se sabe bem por que a sua presença teria impedido a fuga do pássaro, nem ainda por que o tapa no rosto de Tito, com o tiziu já longínquo, teria remediado o acontecimento. Mas o fato é que a figura de Miguel, evocada naquele instante, embalava nosso desapontamento e de certo modo participava dele, ajudando-nos a voltar para casa de mãos vazias e a enfrentar o risinho malévolo dos Guimarães: “O que é que vocês pegaram hoje?” “Nada.” Miguel era deste tamanho, impunha-se. Além disto, sabia palavras difíceis, inclusive xingamentos, que nos deixavam de boca aberta, ao explodirem na discussão, e que decorávamos para aplicar na primeira oportunidade, em nossas brigas particulares com os meninos da rua. Realmente, Miguel fazia muita falta, embora cada um de nós trouxesse na pele a marca de sua autoridade. E pensávamos com ânsia no seu regresso, um pouco para gozar de sua companhia,

outro pouco para aprender nomes feios, e bastante para descontar os socos que ele nos dera, o miserável.

Carlos Drummond de Andrade, p. 13-14. Contos de Aprendiz - A Salvação da alma. São Paulo: José Olympio, 1973.

Com freqüência, a transgressão à norma culta constitui uma marca do registro coloquial da língua.

Nesses casos, parece existir, de um lado, a norma culta e, de outro, a “norma” coloquial - e esta muitas vezes se impõe socialmente, em detrimento da primeira. Um exemplo de transgressão à norma culta acontece numa das alternativas abaixo. Assinale-a.

- a) Nós éramos cinco e...
- b) ... que o governo não conservava...
- c) ... embora cada um de nós trouxesse na pele...
- d) Você assustou ele falando alto...
- e) Se um de nós ia para o colégio...

64) (IBMEC-2006) JUVENTUDE ENCARCERADA

“Não adianta vocês fazerem rebeliões e quebrarem tudo porque dinheiro para realizar reformas e prendê-los aparece rapidamente”. Ao fazer essa declaração em caráter informal a um adolescente que cumpria medida sócio-educativa de internação, jamais poderia imaginar que essa mensagem passaria a nortear suas atitudes dali em diante.

As experiências vividas em unidades de internação e de semiliberdade do Degase (Departamento Geral de Ações Sócio-Educativas), órgão responsável pelos adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas no Estado do Rio de Janeiro, respaldam minhas palavras sobre o tema em voga na mídia: a redução da maioridade penal para 16 anos.

Poderia falar de vários fatos para justificar a minha opinião contrária à redução da maioridade penal e também da adoção do Direito Penal Juvenil. Ambas, a meu ver, destoam das conquistas da sociedade brasileira garantidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e por outros diplomas.

Adolescentes são apresentados à sociedade como mentores de crimes hediondos, traficantes perigosos, perturbadores da ordem pública e outras qualificações que em nada renovam as expressões utilizadas no início do século passado para justificar o encarceramento de adolescentes oriundos de classes populares.

A triste conclusão a que chego é a de que, infelizmente, não há um plano de inclusão na sociedade brasileira para essa enorme população de crianças e adolescentes originários das classes menos favorecidas. Portanto, surgem como alternativas o encarceramento, o extermínio e a exploração sexual e do trabalho dessa população.

Estamos sensibilizados com a dor dos pais dos jovens assassinados em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Maranhão e em todos os recantos deste Brasil onde crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos são

assassinados diariamente por pessoas de todas as classes sociais que se organizam em quadrilhas para ceifar vidas pelos motivos mais fúteis.

Quando tomo conhecimento de notícias envolvendo adolescentes e até mesmo crianças pergunto-me: quem estará semeando o desamor nesses corações? Por que não conseguimos impedir que os mentores dessa tragédia continuem atuando? Por que servimos banquetes a corruptos? Por que não anistiamos os adolescentes que cometeram atos leves e não reincidiram para que possamos cuidar com responsabilidade de casos mais graves? Por que as instituições responsáveis pelo atendimento não têm atenção devida do estado e de toda a sociedade?

“— É verdade, seu Sidney, para prender a gente o dinheiro aparece rapidinho. Eu não me meto nessa furada. Eu vou é pra escola.”

Ele foi para a escola, não aconteceu a rebelião e a sociedade ganhou mais um crítico do sistema. Jogado no sistema penitenciário, aquele jovem não teria tempo para desenvolver sua consciência crítica. Reduzir a maioridade penal significa, também, anular a possibilidade de corrigirmos nossas falhas pelo desrespeito aos direitos de todas as crianças e adolescentes do Brasil.

(Silva, Sidney Teles da. “Revista Ocas” saindo das ruas. Número 19, fevereiro de 2004, p. 30)

O uso de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural, no sexto parágrafo, evidencia, analogicamente, que o “nós” é equivalente a:

- a) o Estado.
- b) o sistema penitenciário.
- c) a sociedade.
- d) as instituições responsáveis.
- e) a família.

65) (IBMEC-2007) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

- Deu-me alguns motivos _____ me pareciam inconsistentes.
 - As informações _____ dependo são sigilosas.
 - Lembro-me _____ ele só usava camisas brancas.
 - Feliz do pai _____ filhos são ajuizados.
 - Vivemos um momento _____ os graves problemas econômicos impedem uma maior mobilidade social.
- a) cujos, nas quais, de que, cujo os, no qual
 - b) que, das quais, de que, cujos, em que
 - c) os quais, de que, que, o qual, onde
 - d) que, de que, que, cujos, onde
 - e) dos quais, de que, que, de cujos, no qual

66) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.

- a) "Remeteremos, em seguida, os pedidos que encomendaram-nos."

b) "Ela veio, de modos que você agora está dispensado."

67) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.

a) "Esta é uma tarefa para mim fazer sozinho, não admito que se reparta as responsabilidades entre eu e outra pessoa."

b) "Ele tomou as decisões as mais oportunas."

68) (ITA-2001) Certos mitos são repetidos tantas e tantas vezes que muitos acabam se convencendo de que eles são de fato verdadeiros. Um desses casos é o que envolve a palavra "saudade", que seria uma exclusividade mundial da língua portuguesa. Trata-se de uma grande e pretensiosa balela.

Todas as línguas do mundo exprimem com maior ou menor grau de complexidade todos os sentimentos humanos. E seria uma grande pretensão acreditar que o sentimento que batizamos de "saudade" seja exclusivo dos povos lusófonos.

Embora línguas que nos são mais familiares como o inglês e o francês tenham de recorrer a mais de uma expressão (seus equivalentes de "nostalgia" e "falta") para exprimir o que chamamos de saudade em todas as circunstâncias, existem outros idiomas que o fazem de forma até mais sintética que o português.

Em uma de suas colunas semanais nesta Folha, o professor Josué Machado lembrou pelo menos dez equivalentes da palavra "saudade". Os russos têm "tosca"; alemães, "Sehnsucht"; árabes, "shauck" e também "hanim"; armênios, "garod"; sérvios e croatas, "jal"; letões, "ilgas"; japoneses, "natsukashi"; macedônios, "nedôstatok"; e húngaros, "sóvárgás".

Pode-se ainda acrescentar a essa lista o "desiderium" latino, o "póthos" dos antigos gregos e sabe-se lá quantas mais expressões equivalentes nas cerca de 6 mil línguas atualmente faladas no planeta ou nas 10 mil que já existiram.

Ora, se até os cães demonstram sentir saudades de seus donos quando ficam separados por um motivo qualquer, seria de um etnocentrismo digno de fazer inveja à Alemanha nazista acreditar que esse sentimento é próprio apenas aos que falam português.

Desde que o homem é homem, ou talvez mesmo antes, ele sente saudade; desde que aprendeu a falar aprendeu também, de uma forma ou de outra, a dizê-lo.

(Saudade. Folha de S. Paulo, 6/4/1996, adaptado.)

No trecho "existem outros idiomas que o fazem de forma até mais sintética que o português" (3º parágrafo), o termo "o", em destaque, substitui

a) uma oração indicativa de finalidade.

b) uma oração indicativa de causa.

c) uma oração indicativa de conseqüência.

d) a oração antecedente.

e) o sujeito da oração antecedente.

69) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Disse que daria o recado a ele e lho dei.

b) Prometeu a resposta a nós e no-la concedeu.

c) Já vo-los mostrarei, esperai.

d) Procuravam João, encontraram-no.

e) Quando lhe vi, espantei-me.

70) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Os estudantes estamos sempre atentos a reformas.

b) Nós fomos o cabeça da revolta.

c) Tu o dissesstes, redargüiu ele.

d) Caro Diretor, sois o timoneiro necessário a esta empresa.

e) Vossa Excelência fique avisado de que o caso é grave.

71) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Àquelas daria a atenção devida?

b) Nem a traças nem a cupins conheço a solução.

c) Havia duas moças, você deu importância à de cá mas não a de lá.

d) Àquela prefiro esta.

e) Dobre à esquina, à direita, e você estará junto à Machado de Assis, bela praça.

72) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Não vá sem eu.

b) Ele é contra eu estar aqui.

c) Ele é contra mim, estar aqui é crime.

d) Com eu estar doente, não houve palestra.

e) Não haveria entre mim e ti entendimento possível.

73) (ITA-2005) Ilusão Universitária

¹ Houve um tempo em que, ao ser admitido numa faculdade de direito, um jovem via seu futuro praticamente assegurado, como advogado, juiz ou promotor público. A situação, como se sabe, é hoje bastante diversa. Mudaram a universidade, o mercado de trabalho e os estudantes, muitos dos quais inadvertidamente compram a ilusão de que o diploma é condição necessária e suficiente para o sucesso profissional.

⁵ A proliferação dos cursos universitários nos anos 90 e 2000 é a um só tempo sintoma e causa dessas mudanças. Um mercado de trabalho cada vez mais exigente passou a cobrar maior titulação dos jovens

profissionais. Com isso, aumentou a oferta de cursos e caiu a qualidade.

O fenômeno da multiplicação das faculdades e do declínio da qualidade acadêmica foi especialmente intenso no campo do direito. Trata-se, afinal, de uma carreira de prestígio, cujo ¹⁰ ensino é barato. Não exige mais do que o professor, livros, uma lousa e o cilindro de giz. Existem hoje 762 cursos jurídicos no país. Em 1993, eles eram 183. A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) acaba de divulgar a lista das faculdades recomendadas. Das 215 avaliadas, apenas 60 (28%) receberam o “nihil obstat”. A Ordem levou em conta conceitos do provão e os resultados do seu próprio exame de credenciamento de bacharéis.

¹⁵ A verdade é que nenhum país do mundo é constituído apenas por advogados, médicos e engenheiros. Apenas uma elite chega a formar-se nesses cursos. No Brasil, contudo, criou-se a ilusão de que a faculdade abre todas as portas. Assim, alunos sem qualificação acadêmica para seguir essas carreiras pagam para obter diplomas que não lhes serão de grande valia. É mais sensato limitar os cursos e zelar por sua excelência, evitando paliativos como o exame da Ordem, ²⁰ que é hoje absolutamente necessário para proteger o cidadão de advogados incompetentes - o que só confirma as graves deficiências do sistema educacional. (Folha de S. Paulo, 29/01/2004)

A universidade é só o começo

¹ Na última década, a universidade viveu uma espécie de milagre da multiplicação dos diplomas. O número de graduados cresceu de 225 mil no final dos anos 80 para 325 mil no levantamento mais recente do Ministério da Educação em 2000. A entrada no mercado de trabalho desse contingente, porém, não vem sendo propriamente ⁵ triunfal como uma festa de formatura. Engenheiros e educadores, professores e administradores, escritores e sobretudo empresários têm sussurrado uma frase nos ouvidos dessas centenas de milhares de novos graduados: “O diploma está nu”. Passaporte tranqüilo para o emprego na década de 80, o certificado superior vem sendo exigido com cada vez mais vistos.

¹⁰ Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase: “Ele é necessário, mas não suficiente”. O raciocínio é simples. Com o aumento do número de graduados no mercado, quem não tem um certificado já começa em desvantagem. Conselheiro-chefe de educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento durante

¹⁵ anos, ele compara o sem-diploma a alguém “em um mato sem cachorro no qual os outros usam armas automáticas e você um taca-pe”. Por outro lado, o economista-educador diz que ter um fuzil, seja lá qual for, não garante tanta vantagem assim nessa floresta.

Para Robert Wong, o diagnóstico é semelhante. Só muda a metáfora. Principal executivo na América do Sul da Korn/Ferry International, maior empresa de recrutamento de altos executivos ²⁰ do mundo, ele equipara a formação acadêmica com a potência do motor de um carro.

Equilibrados demais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor. “Tudo sendo igual, a escolaridade faz a diferença.”

Mas assim como Moura Castro, o head hunter defende a idéia de que um motor turbinado não abre automaticamente as portas do mercado. Wong conta que no mesmo dia da entrevista à

²⁵ Folha [Jornal Folha de S. Paulo] trabalhava na seleção de um executivo para uma multinacional na qual um dos principais candidatos não tinha experiência acadêmica. “É um self-made man.”

Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses, chamados “em desenvolvimento”, que existem mais condições hoje para o sucesso de profissionais como esses, de perfil empreendedor. (...) (Cassiano Elek Machado. A universidade é só o começo. Folha de S. Paulo, 27/07/2002. Disponível na Internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse>. Data de acesso: 24/08/2004)

Assinale a opção em que a expressão com o pronome demonstrativo exige que sejam consideradas informações anteriores e posteriores para ser interpretada.

- a) esses cursos (Texto 1, linha 16).
- b) essas carreiras (Texto 1, linha 17).
- c) essas centenas de milhares de novos graduados (Texto 2, linha 6).
- d) esse contingente (Texto 2, linha 4).
- e) profissionais como esses (Texto 2, linha 28).

74) (ITA-2005) O emprego de “o mesmo”, comumente criticado por gramáticos, é usado, muitas vezes, para evitar repetição de palavras ou ambigüidade. Aponte a opção em que o uso de “o mesmo” não assegura clareza na mensagem.

- a) Esta agência possui cofre com fechadura eletrônica de retardo, não permitindo a abertura do mesmo fora dos horários programados. (Cartaz em uma agência dos Correios)
- b) A reunião da Associação será na próxima semana. Peça a todos que confirmem a participação na mesma. (Mensagem, enviada por e-mail, para chamada dos associados para uma reunião)
- c) Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo se encontra parado neste andar. (Lei 9.502)
- d) Após o preenchimento do questionário para levantamento de necessidade de treinamento, solicito a devolução do mesmo a este Setor. (Ofício de uma instituição pública)
- e) A grama é colhida, empilhada e carregada sem contato manual, portanto a manipulação fica restrita à descarga do

caminhão manualmente ao lado do mesmo. (Folheto de instruções para plantio de grama na forma de tapete de grama)

75) (Mack-2002) Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: - “Tudo anda tão confuso!”. E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades. Nunca se duvidou tanto. Outro dia, um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: - “Às vezes”.

Já escrevi umas cinqüenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias - tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.

Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.

Crônica de Nelson Rodrigues

Assinale a alternativa correta sobre o último parágrafo do texto.

- Se o texto se referisse a homem bonito estaria correta a expressão como o grão-fino.
- O uso de também indica que o cronista considera justa a pergunta do diplomata português.
- Está subentendido o segmento destacado em: como a grã-fina **poderia ser bonita**.
- Portanto introduz uma explicação relativa ao que se afirma na oração anterior.
- Em seu cabimento, o pronome expressa posse relativa ao diplomata português.

76) (Mack-2002) Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dices* e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. (...) O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me (...) durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

* Dices: jóias, enfeites

Machado de Assis - Memórias póstumas de Brás Cubas

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

- Em *morria de amores pelo Xavier*, de amores tem a função de adjunto adverbial de intensidade.

b) Em *assim o afirmam todos os joalheiros*, o pronome oblíquo **o** retoma o período *Não morria, vivia*.

c) Em *assim o afirmam todos os joalheiros*, joalheiros é complemento do verbo afirmar.

d) O narrador surpreende o leitor ao utilizar o aposto *gente muito vista na gramática* para caracterizar joalheiros.

e) Ao dizer *Não morria, vivia*, o narrador, através de uma antítese, confirma que Marcela padecia de amores por Xavier.

77) (Mack-2005) 1. No começo do século XX, o escritor paranaense Emílio de

2. Meneses era o gênio das frases. Conta-se que certa vez, no Rio de

3. Janeiro, viajava num bonde em cujos bancos só cabiam quatro

4. passageiros. O do escritor já estava lotado, quando ele viu, tentando

5. com dificuldade acomodar-se a seu lado, uma conhecida cantora

6. lírica, gorda como ele. Foi a deixa para mais um trocadilho: “Ó,

7. atriz atroz. Atrás, há três!”

Benício Medeiros

Viajava num bonde em cujos bancos só cabiam quatro passageiros.

Um outro modo de relatar o fato acima, preservando o sentido original e respeitando a gramática normativa da língua, é:

a) Viajava num bonde que os bancos só acomodavam quatro passageiros.

b) Os bancos do bonde em que viajava só comportavam quatro passageiros.

c) Quatro passageiros cabiam só nos bancos do bonde onde ele viajava.

d) Viajava num bonde onde só cabiam bancos com quatro passageiros.

e) Os bancos do bonde que ele viajava só acomodavam quatro passageiros.

78) (Mack-2005) Assinale a afirmativa correta sobre o texto

1. Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao

2. menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da

3. canção paralelística (...).

4. O “Cantar de amor” foi fruto de meses de leitura dos cancioneros.

5. Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei

6. com a cabeça cheia de “velidas” e “mha senhor” e “nula ren”;

7. sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.
8. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.

Manuel Bandeira

- a) Em Li tanto e tão seguidamente **aquelas deliciosas cantigas** (linha 05), o termo destacado complementa seguidamente.
- b) Em romarias **a San Servando** (linha 07), o termo destacado é objeto indireto.
- c) Em me livrar da obsessão (linha 08), o pronome refere-se ao eu que fala, assumindo, assim, a função de agente da ação.
- d) Em aquelas deliciosas cantigas (linha 05), o pronome marca a distância entre o momento em que se fala e a circunstância relatada.
- e) Em me livrar da obsessão (linha 08), da obsessão denota a dificuldade do autor em entender os referidos textos.

79) (Mack-2001) O antigo conceito de preservação ambiental, baseado na intocabilidade dos recursos naturais, há algum tempo foi superado e substituído por outro que condiciona a preservação a um novo modelo de desenvolvimento da civilização, fundamentado no uso racional dos recursos naturais, para que estes possam continuar disponíveis às gerações que ainda virão. A este desenvolvimento, que não esgota, mas conserva e realimenta sua fonte de recursos naturais; que não inviabiliza a sociedade, mas promove a repartição justa dos benefícios alcançados; que não é movido apenas por interesses imediatistas, mas sim baseado no planejamento de sua trajetória e que, por estas razões, é capaz de manter-se no espaço e no tempo, é que damos o nome de desenvolvimento sustentável.

Washington Novaes

O antigo conceito de preservação ambiental, **baseado na intocabilidade dos recursos naturais**, há algum tempo foi superado e substituído por outro.

Reescrevendo-se o fragmento destacado, obtém-se corretamente:

- a) cuja a base é a intocabilidade dos recursos naturais.
- b) cuja base é a intocabilidade dos recursos naturais.
- c) onde a base é a intocabilidade dos recursos naturais.
- d) que a base dela é a intocabilidade dos recursos naturais.
- e) que a base é a intocabilidade dos recursos naturais.

80) (Mack-2002) Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo; neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade: "Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiães das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que

os outros mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante?"

Ecléa Bosi

Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de **que** se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante?

Assinale a afirmação correta sobre o período acima, retirado do texto.

- a) *esse*, em *esse passado*, refere-se à parcela do tempo vivido que não tem valor para a vida da coletividade.
- b) *tesouro comum de que se constituíram depositários* equivale a: tesouro comum de que os homens idosos, na qualidade de guardiães, não podem usufruir.
- c) O **que** destacado no texto refere-se a os homens idosos.
- d) A indagação é estratégia para enfatizar como são óbvias as razões para os velhos se interessarem tanto pelo passado e tanto desejarem mantê-lo vivo pela memória.
- e) Em não se esforçariam, é preferível, de acordo com a norma culta, a ênclise do pronome oblíquo.

- 81) (Mack-1997) I. Refiro-me àquilo e não a isto.
- II. Sairemos bem cedo, para chegar à tempo de assistir a cerimônia.
- III. Dirigiram-se à Sua Excelência e declararam que estão dispostos à cumprir o seu dever e a não permitir a violação da lei.

Quanto ao emprego da crase, assinale:

- a) se todas as afirmações estão incorretas.
- b) se todas estão corretas.
- c) se apenas I está correta.
- d) se apenas III está correta.
- e) se apenas II está correta.

- 82) (Mack-1997) I - Todos estavam meios cansados, porque já era meio-dia e meia e fazia muito calor.
- II - Fazem trinta anos que nos conhecemos.
- III - Nenhum dos presentes à festa souberam dizer se houveram tiros dentro ou fora da casa, durante o assalto.

Quanto à concordância nominal e verbal, assinale:

- a) se apenas I está correta.
- b) se apenas II e III estão corretas.
- c) se todas estão corretas.
- d) se apenas II está correta.
- e) se todas estão incorretas.

83) (Mack-1996) "Na ata da reunião, registraram-se todas as opiniões dos presentes."

Assinale a alternativa que apresenta corretamente a classificação da partícula *se*, na frase acima.

- a) índice de indeterminação do sujeito.
- b) pronome reflexivo (objeto direto).
- c) partícula apassivadora.
- d) conjunção subordinativa integrante.
- e) palavra de realce.

84) (Mack-1997) I. Os recursos de que disponho no momento são precários.

II. O cavalheiro cujo escritório estivemos é advogado.

III. Os elementos que ele conta para elaborar sua tese são muito bons.

Quanto ao emprego dos pronomes relativos e à regência verbal, assinale:

- a) se todas as afirmações estão corretas.
- b) se apenas I está correta.
- c) se apenas III está correta.
- d) se apenas II está correta.
- e) se todas estão incorretas.

85) (Mack-2002) ... isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta (...).

Assinale a alternativa correta sobre o fragmento transcrito.

- a) **isto** tem o mesmo valor da interjeição presente na frase: Isto! Você superou brilhantemente o obstáculo!.
- b) A frase sendo uma coisa indispensável expressa, no contexto, uma condição.
- c) **como é** constitui recurso para não deixar dúvida sobre a afirmação que está sendo articulada.
- d) todavia pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original, por **porque**.
- e) O acento indicativo da crase observado em à solta ocorreria corretamente também **em chegou à escrever aos pais**.

86) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras

fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.

Obs.: enxárcia — conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo ('corda'), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela
Considerando sempre o contexto, assinale a alternativa correta.

- a) Substituindo "haver" por "existir", na frase Há no Brasil grandíssimas matas de árvores, a forma correta é: "Existe no Brasil".
- b) Em grandíssimas matas **de** árvores agrestes, o termo destacado estabelece relação de "constituição".
- c) Em se tira a estopa **para se calafetarem**, o segmento destacado expressa idéia de "meio com o qual se obtém um certo resultado".
- d) Nas linhas finais, aparecem dois pronomes **os** (**os** que querem; **os** mandara fazer), e eles têm o mesmo referente.
- e) A frase se cá os mandara fazer traz subentendida a seguinte idéia: el-rei é um dos que efetivamente aproveitam tudo das árvores encontradas no Brasil.

87) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.

Obs.: enxárcia - conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo ('corda'), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

Assinale a afirmação correta.

- a) Na caracterização de espécies vegetais brasileiras, a Espanha foi tomada como referência.
- b) A relação entre fortíssimo e "muito forte" é a mesma que entre "bom" e "muito bom".
- c) Em **de algumas** se tira a estopa, a expressão em negrito é complemento agente da passiva.
- d) É coerente com o texto a afirmação: "de tudo se aproveitam não só os envolvidos com objetos navais, como também os ocupados com cordas para enxárcia e amarras".
- e) Em da casca de algumas se tira a estopa, está presente a idéia de que o benefício advém da totalidade das espécies vegetais.

88) (Mack-2004) Os livros viraram o objeto de decoração da moda nas casas dos endinheirados. Se eles não têm

familiaridade com a leitura, arquitetos e decoradores vão a campo. Esses profissionais aconselham a compra de coleções completas de obras de literatura, filosofia e história para decorar as salas. Livros de auto-ajuda, só no quarto. Parte das peças deve ser garimpada em sebos, para transmitir a idéia de conhecimento sólido, erudição. Entre as opções básicas para demonstrar inteligência já na mesinha de centro, está o “ambiente moderno”, cuja composição exige livros alegres e coloridos, de artistas como Miró, Picasso, Mondrian. Acredita-se que eles dão vivacidade ao espaço.

Paloma Cote

É correto dizer que:

- a) no trecho *Se eles não têm familiaridade com a leitura*, o pronome antecipa a referência a arquitetos e decoradores.
- b) no último parágrafo, *espaço* retoma o núcleo do adjunto adverbial *em sebos*.
- c) no trecho *Acredita-se que eles dão vivacidade ao espaço*, os pronomes *se* e *eles* têm a mesma referência.
- d) em *Acredita-se que eles dão vivacidade ao espaço* o pronome *eles* tem referência ambígua.
- e) *Já, em demonstrar inteligência já na mesinha de centro*, poderia ser substituído por “rapidamente”.

89) (Mack-2006) Parabéns. Estou encantado com seu sucesso. Chegar aqui não foi fácil, eu sei. Na verdade, suspeito que foi um pouco mais difícil do que você imagina. Para início de conversa, para você estar aqui agora, trilhões de átomos agitados tiveram de se reunir de uma maneira intrincada e intrigantemente providencial a fim de criá-lo. Essa é uma organização tão especializada e particular que nunca antes foi tentada e só existirá desta vez. Nos próximos anos, essas partículas minúsculas se dedicarão totalmente aos bilhões de esforços jeitosos e cooperativos necessários para mantê-lo intacto e deixá-lo experimentar o estado agradabilíssimo, mas ao qual não damos o devido valor, conhecido como existência.

Adaptado de Bill Bryson

Assinale a alternativa correta.

- a) Em **criá-lo** (linha 04) e **deixá-lo** (linha 06), as formas pronominais destacadas referem-se a diferentes elementos do texto.
- b) O sucesso (linha 01) mencionado pelo autor corresponde à capacidade do ser humano de perceber o valor de sua experiência.
- c) A palavra *agora* (linha 02) restringe sua referência ao exato momento em que o autor escrevia o texto.
- d) Em *para mantê-lo intacto e deixá-lo experimentar* (linha 06), a conjunção destacada tem o mesmo sentido presente em “Vieram e, infelizmente, não puderam ficar”.
- e) Em *Estou encantado com seu sucesso* (linha 01), a forma destacada antecipa a referência explícita à figura do leitor, feita por meio do pronome *você* (linha 02).

90) (Mack-2007) O que empurrou as caravelas de Portugal em busca de novos mundos para o mundo? Necessidades de subsistência ou o sonho moderno de se fazer valer? A oposição assim colocada evoca imediatamente o começo da Fenomenologia do espírito, de Hegel – que é de fato a melhor interpretação antropológica da subjetividade moderna no instante de seu triunfo. A humanidade (entenda-se: a modernidade) – na descrição de Hegel – começa quando acaba o reino da necessidade, ou seja, quando o desejo não encontra mais sua satisfação nos objetos procurados e finalmente consumidos mas se projeta e se prolonga indefinidamente na procura de reconhecimento.

Não há melhor descrição do fim da sociedade tradicional: o lugar social de cada um passa a ser decidido pelo reconhecimento que ele obtém dos outros, e os objetos de desejo passam a valer como meios para conseguir um lugar ao sol. De repente, nenhum deles pode apagar um desejo que transcende qualquer necessidade. Adaptado de Contardo Calligaris

Assinale a alternativa correta.

- a) Se substituíssemos ele por “eles”, no trecho que ele obtém dos outros (linhas 12 e 13), a grafia da forma verbal seria a mesma.
- b) A forma negativa em quando o desejo não encontra mais (linha 08) equivale a “o desejo encontra menos”.
- c) Na voz ativa, a forma verbal do segmento o lugar social de cada um passa a ser decidido pelo reconhecimento (linhas 11 e 12) seria: “decide”.
- d) Em que é de fato (linha 04), o pronome destacado pode se referir, ambigualmente, tanto a o começo da obra de Hegel como à totalidade da obra.
- e) Se a forma verbal transcende, no trecho um desejo que transcende qualquer necessidade (linha 15), fosse deslocada para o final do período, o sentido permaneceria o mesmo.

91) (PUC - RJ-2006) A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, cousas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, cousas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um

direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente. [Fragmento do conto “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis]

a) Explique o argumento de que se vale o Diabo na defesa que faz da venalidade.

b) A que se refere o pronome oblíquo na frase *Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório* (linhas 4-5)?

92) (PUC-RS-2001) A zona franca do pensamento

Qual é a invenção que lhe deixa mais perplexo, aquela que foge à sua compreensão? Tantas. O avião, por exemplo. Como consegue voar aquele zepelin de aço, com 300 passageiros e suas respectivas bagagens provenientes de Miami? Internet: eu aqui e você em Cingapura, conversando a um custo de eu aqui e você ali na esquina. Fax: coloco uma folha de papel num aparelhinho e ele sai reproduzido, no mesmo instante, em Guiné-Bissau. Televisão: uma câmera capta minha imagem e eu apareço, ao mesmo tempo, num casebre do Morro da Cruz e numa mansão da Barra da Tijuca, ao vivo e em cores. Ultra-sonografia. Gestação in vitro. Clonagem. Reverencio a tecnologia hoje me arrependo de ter matado algumas aulas de física e biologia, que me ajudariam a entender melhor como funciona o mundo que me cerca. Só numa invenção pisoteio e cuspo em cima: no detector de mentiras. (...) Uma geringonça que se julga capaz de adivinhar o que pensamos!

O pensamento é o território mais protegido do mundo, e ao mesmo tempo o mais livre. Nele cabe um mundaréu de gente, todas as que conhecemos e mais aquelas que imaginamos, e delas somos seu deus e seu diabo. (...) O pensamento não tem fronteiras, lógica, advogado de defesa ou carrasco. É zona franca, terra de ninguém. Vivemos cercados de microcâmeras, pardais, caetanos, alarmes. Somos constantemente vigiados, qualquer um nos localiza, identifica, surpreende. O pensamento é o único lugar onde ainda estamos seguros, onde nossa loucura é permitida e todos os nossos atos são inocentes. Que se instale um novo mundo cibernético, mas que virem sucata esses detectores de mentiras, tão sujeitos a falhas. Dentro do pensamento, não há tecnologia que consiga nos achar.

Marta Medeiros Zero Hora, 31/03/1999 (adaptado)

O uso do pronome “*lhe*” no texto, como complemento linguagem informal, contraria a língua culta formal. Situação semelhante ocorre com o uso desse pronome em

- a) Queremos cumprimentar-**lhe** por sua campanha em favor da ética na pesquisa genética.
- b) Nada **lhe** assegurava que estava sendo observado.
- c) As recentes descobertas indicam-**lhe** que sua linha de raciocínio está correta.

d) Os repórteres **lhe** fizeram muitas perguntas acerca de seus estudos?

e) A liberação do fundo de financiamento permitiu- **lhe** prosseguir em suas pesquisas.

93) (PUC-RS-2001) Para responder à questão, relacione as colunas, de modo que as expressões da direita completem adequadamente as frases da esquerda.

() A descoberta _____ se referia o cientista era surpreendente () Estes são dados sigilosos, _____divulgação é reservada. () Áreas _____ há maior pobreza merecem toda atenção dos estudiosos. () A pesquisa, _____ não faltam recursos financeiros, está parada por razões políticas.	1. onde 2. que 3. a que 4. por que 5. cuja 6. à qual 7. aonde 8. pela qual
() A penúria _____ passa grande parte da humanidade exige uma ciência ética.	

Relacionando as duas colunas, a seqüência correta, de cima para baixo, é

- a) 1 - 4 - 7 - 6 - 2
- b) 2 - 1 - 7 - 1 - 4
- c) 3 - 5 - 1 - 6 - 4
- d) 5 - 6 - 1 - 3 - 3
- e) 6 - 5 - 7 - 2 - 8

94) (PUC-SP-2005) A partir dos seguintes trechos: ... e nunca mais **se** soube o que era blasfêmia.../dentro dos sons movem-**se** cores..., assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.
- b) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.
- c) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.
- d) o pronome átono se é parte integrante do verbo.
- e) o pronome átono se exerce a função de pronome reflexivo.

95) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem

Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.

O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...

Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.

As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.

☒☒Então? Foi bem de viagem?

O carreiro dá uma risadinha.

☒☒Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...

☒☒E o quê?

☒☒... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.

E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.

(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

No diálogo com o patrão, em certo momento o carreiro diz: " ... e está atolado. Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele". Empregando a língua informalmente, ele usa o pronome pessoal do caso reto na posição de complemento do verbo. Se a construção fosse reelaborada em nível formal, teríamos:

- Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar-lhe.
- Vim buscar mais dez juntas de boi para tirá-lo.
- Vim buscar mais dez juntas de bois para lhe tirar.
- Vim buscar mais dez juntas de bois para o tirarmos.
- Vim buscar mais dez juntas de bois para tirarmo-lo.

96) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos. Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes. "Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação. O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria,

num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo. Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante. O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".

Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao terceiro parágrafo do texto, a expressão SEUS ALGOZES faz o leitor compreender que se trata dos algozes

- dos próprios moradores que descreveram a cena.
- da algazarra.
- da reportagem.
- do motoboy.
- de uma das vítimas.

97) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo". Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos. Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes. "Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação. O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo. Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores

básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante. O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".

Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

A palavra QUE exerce a mesma função em todas as alternativas abaixo, exceto:

- a) Admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e as os intestinos de uma das vítimas...
- b) O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país.
- c) Mas ainda daria (...) para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
- d) Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita.
- e) 'Está nervoso e perdeu a cabeça?', relatou um motoboy que pediu para não ser identificado.

98) (UECE-2002) AOS RICOS, O PRIVILÉGIO

Toda nação civilizada ergueu-se da barbárie, tornando-se antes uma sociedade hierarquizada. Pelas mais diversas razões, alguns indivíduos ascenderam sobre outros e passaram a usar seu poder para organizar o modo de vida dos demais. Os privilégios surgiram justamente dessa especialização social. As nações mais desenvolvidas criaram salvaguardas legais e redes de amparo social privadas e estatais para amenizar o choque entre as elites e a maioria da população. Entre elas, a mais sagrada é a igualdade dos cidadãos perante a lei.

A forma como funcionam as prisões especiais, no Brasil, fere profundamente esse princípio. É bem verdade que todos os países civilizados possuem esse tipo de prisão; isso é bom e justo. Mas não é bom que seu ocupante lá esteja simplesmente porque tem curso superior.

O pobre, no Brasil, não vai para a cadeia. Vai para o inferno. Por um simples roubo, conviverá de forma selvagem e promíscua com assassinos e estupradores, chefes de quadrilha, assaltantes. O país deveria ter cadeia limpa e segura para todos os que a justiça mandar prender. Resolvida essa primeira questão, vem a da prisão especial. A única hierarquia aceitável na separação dos presos é aquela ditada pela natureza do delito. Autores de pequenos furtos ou de crimes produzidos pela emoção, réus primários - esses não devem conviver no mesmo ambiente com quadrilheiros e homicidas profissionais. Rico

e pobre devem ter direito a uma prisão diferente das que existem para ambos no Brasil atualmente. (Carta ao leitor. Veja: 17/1/2001. Adaptação)

O pronome demonstrativo **esses** (**esses** não devem conviver no mesmo ambiente com quadrilheiros e homicidas profissionais) tem a função textual de

- I. retomar, resumindo, os elementos da enumeração imediatamente anterior
 - II. enfatizar o sentido da enumeração, para reforçar a tese defendida a seguir
 - III. estabelecer uma relação de conclusão entre os elementos das duas enumerações da frase
- É correto o que se afirma
- a) apenas em I
 - b) apenas em II
 - c) em I e II
 - d) em II e III

99) (UECE-1996) Segue a gramática normativa a colocação do pronome átono da opção:

- a) O amor não está deteriorando-se.
- b) Seu amor não tinha acabado-se?
- c) Comunicaremos-lhes tudo sobre o amor.
- d) Lhe provem que o amor é digno.

100) (UECE-2006) "Além, muito além daquela serra, que ainda azulava no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.

.....
Rumor suspeito quebra a harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo. Foi rápido como o olhar o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão, que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

- Quebras comigo a flecha da paz?

- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Onde vieste a estas matas que nunca viram outro guerreiro como tu?

- Venho de longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.”

(José de Alencar, do romance Iracema)

“...banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.” (linhas 14 a 15). Em que alternativa o pronome LHE tem emprego igual ao dessa frase

- a) o guerreiro branco falou-lhe de amor
- b) o pajé comunicou-lhe que o homem branco era um amigo
- c) a tribo dos tabajaras, ao receber o homem branco, festejou-lhe a chegada
- d) ao receber o homem branco, Araquém deu-lhe o prazo de dois dias para deixar a tribo

101) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Para poder aceitar suas desculpas, afaste sombra de orgulho que ainda noto no rosto.

- a) mim - essa - te.
- b) eu - esta - te.
- c) eu - essa - lhe.
- d) mim - esta - lhe.
- e) mim - essa - lhe.

102) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Agrada-nos merecedor de prêmios valor é inestimável.

- a) ver-lhe - de cujo.
- b) vê-lo - cujo o.
- c) ver-lhe - em cujo.
- d) vê-lo - cujo.
- e) vê-lo - em cujo.

103) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Se ainda não leu livro que estou folheando e autor é meu conhecido, faça-..... e não se arrependará.

- a) esse - que o - o.
- b) esse - cujo - lhe.
- c) este - cujo - lhe.
- d) este - cujo - o.
- e) este - que o - lhe.

104) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

..... dentre nós pode sinceramente o ato que cometeu ocasião, em que ainda era tão jovem?

- a) Quais - recriminar-lhe - nesta.
- b) Qual - recriminá-lo - naquela.
- c) Quais - recriminar-lhe - nessa.
- d) Qual - recriminá-lo - nessa.
- e) Qual - recriminar-lhe - naquela.

105) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Eis o professor méritos os alunos prestam homenagem.

- a) cujos os.
- b) em cujos.
- c) cujos.
- d) de cujos.
- e) a cujos.

106) (UEPB-2006) “Eu ouço de várias empregadas domésticas que é comuníssimo aqui no Rio de Janeiro que responsáveis pela merenda escolar retirem substancial quantidade de víveres e alimentos das crianças para levar para casa, distribuir entre parentes e até montar quitandas.”

(João Ubaldo Ribeiro, Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)

Assinale, entre as afirmações relativas a esse excerto, a única correta:

- a) Há uma impropriedade sintática, pois o verbo OUVIR foi construído com complemento preposicionado.
- b) VÍVERES é uma palavra substantivada, derivada do infinitivo flexionado.
- c) Depreende-se que as empregadas domésticas dizem que os responsáveis pela merenda escolar são socialistas.
- d) Pode-se concluir que o comunismo no Rio de Janeiro é responsável pela merenda escolar.
- e) Os QUÊS têm a mesma função, sem referência e sem significado.

107) (UERJ-2001) Leia atentamente o fragmento a seguir:

“Por exemplo, a frase:

Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre seus exames.

tem um enunciado equívoco; os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia, ou sobre

os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.”

(CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.)

O fragmento acima aponta o problema da ambigüidade resultante do emprego do termo “seus”. A ocorrência da ambigüidade, no caso, pode ser explicada por uma característica relativa à significação geral da palavra em questão. Essa característica do vocábulo “seus” é a de:

- a) indicar a pessoa gramatical, sem flexionar-se ou remeter a termos antecedentes
- b) referir-se à pessoa gramatical, sem nomeá-la ou indicá-lhe característica própria
- c) substituir o nome próprio, sem individualizá-lo ou permitir a devida concordância
- d) qualificar os nomes presentes, sem hierarquizá-los ou revelar sua verdadeira significação

108) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito. (Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"O próprio Bento não a deixava mentir..." Se o autor tivesse escrito "O próprio Bento não lhe deixava mentir...":

- a) estaria acertando, porque tanto "a" quanto "lhe" são pronomes que exercem sempre a mesma função sintática.
- b) estaria errando, porque "a" é pronome de 3ª pessoa e "lhe", de 2ª.
- c) estaria errando, porque "a" não pode exercer a mesma função sintática que "lhe", pelo menos como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em apreço.
- d) estaria acertando, porque "a" pode exercer a mesma função sintática que "lhe", em especial como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em estudo.
- e) estaria errando, porque "a" e "lhe", nesse tipo de construção, só exercem função sintática idêntica quando a forma verbal infinitiva é transitiva direta.

109) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa

Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.

(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

De acordo com a norma culta da língua, a única alternativa gramaticalmente correta é:

- a) entre eu e tu não há segredos.
- b) entre mim e ti não há segredos.
- c) entre mim e tu não há segredos.
- d) entre tu e mim não há segredos.
- e) entre eu e ti não há segredos.

110) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito. (Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

Na frase "Isso pouco importa, eu já lhe falei bastantes vezes", as palavras sublinhadas são, respectivamente:

- a) advérbio de intensidade e pronome indefinido.
- b) pronome indefinido e advérbio de intensidade.
- c) pronome indefinido e pronome indefinido.
- d) advérbio de intensidade e advérbio de intensidade.
- e) advérbio de intensidade, ambas, mas a segunda está grafada erroneamente no plural.

111) (UFAC-1998) Observe o seguinte diálogo entre um rigoroso professor de gramática e uma ex-aluna sua:

- "Professor, aonde o senhor andava, que eu nunca mais lhe vi?"
- "Nem a mim nem à gramática" - respondeu-lhe o mestre, deixando-a um tanto embaraçada por não haver entendido o porquê da resposta.

Com certeza, outra teria sido a resposta do professor, se a pergunta da aluna tivesse sido esta:

- a) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?"
- b) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais o vi?"
- c) "Professor, por onde Vossa Senhoria tem andado, que eu nunca mais vos vi?"
- d) "Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?"
- e) "Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais te vi?"

112) (UFC-1997) LUA NOVA

01 Meu novo quarto
02 Virado para o nascente:
03 Meu quarto, de novo a cavaleiro da entrada da barra.

04 Depois de dez anos de pátio
05 Volto a tomar conhecimento da aurora.
06 Volto a banhar meus olhos no mênstruo incruento das madrugadas

07 Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir

08 Hei de aprender com ele
09 A partir de uma vez
10 - Sem medo,
11 Sem remorso
12 Sem saudade.

13 Não pensem que estou aguardando a lua cheia
14 - Esse sol da demência
15 Vaga e noctâmbula.
16 O que eu mais quero,
17 O de que preciso
18 É de lua nova.

(BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Aguilar: 1983, p. 307)

Preencha os espaços com um pronome relativo adequado (quem, que, cujo, onde), atentando para a regência verbal:

- a) O poeta _____ o aeroporto dá lições de partir aguardar a lua nova.
b) O lugar _____ o poeta vai partir é desconhecido.
c) Esta é a lua _____ ele aguarda.
d) O quarto _____ o poeta aludiu estava virado para o nascente.
e) Esta é a lua _____ brilho ansiei.

113) (UFC-1998) Complete o diálogo abaixo com os pronomes pessoais adequados, segundo a norma culta. A pessoa do pronome, sempre no singular, encontra-se entre parênteses.

João:
- Quero que tu entendas de uma vez por todas: não há nada entre ela e _____ (1ª.).

Terezinha:
- Mas todos sabiam do envolvimento de vocês, menos _____ (1ª.), que idiotamente acreditei em _____ (2ª.).

João:

- É simples para _____ (1ª.) explicar isso.

Terezinha:
- Ah, é? Que nada! Isto é para _____ (1ª.) deixar de ser boba!

João:
- Deixe _____ (1ª.) explicar, por favor.

Terezinha:
- Para _____ (1ª.), tanto faz!

João:
- Se tu quiseres, eu nem _____ (3ª.) cumprimento mais!

Terezinha:
- De que adiantaria, se tu ainda _____ (3ª.) admiras?

João:
- Basta! Assim, até _____ (1ª.) desisto!

114) (UFC-2002) Assinale a alternativa que apresenta corretamente os antecedentes dos relativos grifados no fragmento abaixo.

“Horrorizado da aranha, desviei dela a minha luneta mágica e em movimento de repulsão levei-a até uma das extremidades do telhado, onde encontrei metade do corpo de um rato **que**¹ me olhava esperto, e com ar **que**² me pareceu de zombaria.

Senti vivo desejo de estudar o rato e fixei-o com a minha luneta; mas o tratante somente me deixou exposto durante minuto e meio, e fugiu-me, deixando-me ouvir certo ruído **que**³ me pareceu verdadeira risada de rato.”

- | | que ¹ | que ² | que ³ |
|----|-------------------------|-------------------------|-------------------------|
| a) | um rato | ar | o rato |
| b) | um rato | ar | certo ruído |
| c) | um rato | ar | vivo desejo |
| d) | uma aranha | esperto | vivo desejo |
| e) | uma aranha | esperto | o rato |

115) (UFC-2002) No trecho: “Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem **algum**; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém **alguns** que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)” (p.65):

- I. *algum* e *alguns* são pronomes indefinidos.
- II. *alguns* é sujeito do verbo haver.
- III. *algum* equivale a nenhum.

Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima:

- a) apenas I é verdadeira.
- b) apenas II é verdadeira.
- c) apenas I e II são verdadeiras.

- d) apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

116) (UFC-2003) No trecho: “Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém alguns que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)”:

- I. algum e alguns são pronomes indefinidos.
II. alguns é sujeito do verbo haver.
III. algum equivale a nenhum.

Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima:

- a) apenas I é verdadeira.
b) apenas II é verdadeira.
c) apenas I e II são verdadeiras.
d) apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

117) (UFC-2005) Dizem que os cães vêem coisas.

Os cães de raça latiam e uivavam desesperadamente nos canis (e dizem que os cães vêem coisas). Foi preciso que o tratador viesse acalmá-los, embora eles rodassem sobre si mesmos e rosnassem. À distância, a piscina quase olímpica, agora deserta: toalhas esquecidas, o vidro do bronzeador, o cinzento sobre a mesinha cheio de pontas de cigarro marcadas de batom.

As filas. Alguém tangeu o gato que lutava com um pedaço de osso, Lenita fez o prato do marido, preparou também o seu. Mordia a fatia de peru com farofa, quando se lembrou do filho.

- Cadê o Netinho?!

Certa angustia na voz. Chamou o marido, gritou pela babá, que se distraía com as outras na varanda. Olhos espantados e repentino silêncio talvez maior que qualquer outro. Refeições suspensas, uma senhora mantinha no ar o garfo cheio. Tentavam segurar Lenita. Ela se desvencilhava:

- Cadê o Netinho? Cadê?

As águas da grande piscina eram tranqüilas, apenas levemente franjadas pelo vento. Boiava sobre elas uma carteira de cigarros vazia. Mas a moça que se aproximara parecia divisar um corpo no fundo, preso à escada. Voltaram a afastar Lenita, o marido a envolveu nos braços possantes, talvez procurando refúgio também. O campeão de vôlei atirou-se à piscina e veio à tona sacudindo com a cabeça os cabelos longos: trazia sob o braço um corpo inerte, flácido, de apenas quatro anos e de cabelos louros e gotejantes.

O médico novo, de calção, tentou a respiração artificial, o boca-a-boca (os lábios de Netinho estavam arroxeados) e levantou-se sem palavras e sem olhar para ninguém. Lenita solto-se e agarrou-se ao filho:

- Acorde, acorde! Pelo amor de Deus, acorde!

Conseguiram afastá-la mais uma vez, quase desmaiou. A amiga limpava-lhe com os dedos a sobra de farofa que se grupara ao seu rosto. Os cães de raça

voltavam a latir desesperadamente, e dizem que os cães vêem coisa.

Lenita ficou para sempre com a sensação do corpo inerte e mole entre os braços. Uma marca, presença, que procurava desfazer coma as mãos. Cabelos louros e gotejantes. Às vezes, ela despertava na noite:

- Acorde, acorde!

A presença também daquele instante de silêncio que pesara sobre a piscina. Um pressentimento apenas? Precisamente o momento em que ela chegara, transparente e invisível, e se sentara à beira da piscina, cruzando as pernas longas, antiqüíssima, atual e eterna. MOREIRA CAMPOS, José Maria (2002). *Dizem que os cães vêem coisas*.

In. *Dizem que os cães vêem coisas*. Fortaleza: Editora UFC, p.133-134.

Avalie o que diz das formas lhe (linha 23) e seu (linha 24) e, a seguir, assinale a alternativa correta.

- I. Tanto lhe quanto seu remetem para o mesmo referente textual.
II. A supressão de lhe daria origem a uma ambigüidade referencial.
III. A supressão de seu eliminaria o caráter pleonástico da construção.
a) Apenas I é verdadeira.
b) Apenas II é verdadeira.
c) Apenas III é verdadeira.
d) Apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

118) (UFC-2007) Texto 1

Leitor, veja o grande azar	A sua
filha querida	
do nordestino emigrante	vai pra
uma iludição	
que anda atrás de melhorar	padecer
prostituída	
da sua terra distante	na vala da
perdição	
nos centros desconhecidos	e além da
grande desgraça	
depressa vê corrompidos	das
privações que ela passa	
os seus filhos inocentes	que lhe
atrasa e lhe inflama	
na populosa cidade	sabe que é
preso em flagrante	
de tanta imoralidade	por coisa
insignificante	
e costumes diferentes	seu filho a
quem tanto ama	

ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: _____. *Cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 114.

Texto 2

Pobre mãe! Mulher da vida, vendendo o corpo por uma migalha! Aquilo, saber daquilo, ouvir falar naquilo, magoava-o fundamente. Mas a mãe era uma mulher boa, limpa, honesta. Que podia fazer? Abandonada no mundo pelos pais que fugiram na seca, errou de casa em casa, molecota solta, sem rumo, sem uma pessoa para cuidar dela. Dizem que era bonita, muito bonita. E terminou resvalando, caindo.

BEZERRA, João Clímaco. A vinha dos esquecidos.

Fortaleza: Edições UFC, 2005, p. 26.

Analise as assertivas sobre *Aquilo, daquilo e naquilo* (texto 2, linhas 01 e 02) e, a seguir, assinale a alternativa correta.

- I. *Aquilo* exerce a função de sujeito de *magoava*.
 - II. *Aquilo, daquilo e naquilo* remetem para o mesmo referente textual.
 - III. *Daquilo e naquilo* são objetos diretos, respectivamente, de *saber* e *falar*.
- a) Apenas I é verdadeira.
 - b) Apenas II é verdadeira.
 - c) Apenas III é verdadeira.
 - d) Apenas I e II são verdadeiras.
 - e) Apenas II e III são verdadeiras.

119) (UFCE-1996) UM CÃO, APENAS

01 Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim - plantas em flor de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito -, eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pêlo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com um grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz ali, eu não devia ter chegado. Já que lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem...

02 Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto. Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar. E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.

03 Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens.

04 Então, o triste cãozinho reuniu todas as suas forças, atravessou o patamar, sem nenhuma dúvida sobre o caminho, como se fosse um visitante habitual, e começou a descer as escadas e as suas rampas, com as plantas em flor de cada lado, as borboletas incertas, salpicos de luz no granito, até o limiar da entrada. Passou por entre as grades do portão, prosseguiu para o lado esquerdo, desapareceu.

05 Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa, sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma de vida. Uma criatura deste mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance; talvez tivesse fome e sede; e eu nada fiz por ele; amei-o, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta. Deixei-o partir, assim humilhado, e tão digno, no entanto, como alguém que respeitosa e pede desculpas de ter ocupado um lugar que não era seu.

06 Depois pensei que nós todos somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão.

(MEIRELES, Cecília. ILUSÕES DO MUNDO: CRÔNICAS. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 16-17)

Leia as frases a seguir atentando para a concordância verbal e resolva os quesitos que se seguem:

a) Assinale C ou E conforme estejam certas ou erradas as frases

1. () Muitos de vós sereis como este cãozinho.
2. () E como este, há muitos cães andrajosos no mundo.
3. () Dali até a casa do cãozinho é duzentos metros.
4. () Não fui eu quem socorreu o cãozinho.
5. () Qual de nós poderemos socorrer o cão?

b) Justifique sua resposta ao item 4.

c) Escolha UMA dentre as quatro restantes e justifique sua resposta. Indique o item escolhido.

120) (UFES-2002) Frequentemente, nas redações escolares, usa-se inadequadamente **onde** em lugar de **em que**. Considere os fragmentos de redações escolares abaixo e assinale a alternativa que contém o emprego ADEQUADO:

a) O Brasil é um país **onde** ainda se registra a existência de milhões de pessoas na condição de iletrados.

b) Este milênio vem em boa hora, num momento **onde** todos os povos fortalecem sentimentos de esperança por dias melhores.

- c) Em nossos dias, é difícil ter um amor verdadeiro **onde** a pessoa possa apoiar-se e se dar bem na vida.
 d) A preservação do emprego tornou-se a maior preocupação do trabalhador neste início de século, **onde** a baixa qualificação profissional aumenta a exclusão social.
 e) A criança começa a freqüentar a escola com seis ou sete anos. É uma idade maravilhosa **onde** ela ainda está descobrindo a vida e necessita de uma orientação.

121) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquietos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
 Quero tremer e sentir!
 Na tua trança cheirosa
 Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo

.....
 Todo o amor que em meu peito repousava,
 Como o orvalho das noites ao relento,
 A teu seio elevou-se, como as névoas,
 Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
 Meu pensamento segue o passo teu.
 Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
 Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.

.....
 À tarde, quando chegas à janela,
 A trança solta, onde suspira o vento,
 Minha alma te contempla de joelhos...

A teus pés vai gemer meu pensamento.

.....
 Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
 De teus lábios beber o mel dos céus;
 Que eu te direi, mulher dos meus amores:
 - Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
 Receber somente esse abraço
 Tão devagar que você me dá,
 Nem gozar somente esse beijo
 Tão molhado que você me dá...
 Eu não queria só porque
 Por tudo quanto você me fala
 Já reparei que no seu peito
 Soluça o coração bem feito
 De você.

Pois então eu imaginei
 Que junto com esse corpo magro
 Moreninho que você me dá,
 Com a boniteza a faceirice
 A risada que você me dá
 E me enrabicham como o que,
 Bem que eu podia possuir também
 O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
 O pensamento a alma o desgosto
 De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atrave-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-

lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Linceu, 1972. V5. p.43)

(ver texto IV)

Assinale a opção em que o pronome *lhe* está empregado com o mesmo valor possessivo que o da frase: "descobre-lhe os defeitos"

- a) O tempo acaba *lhe* ensinando.
- b) O arco *lhe* fere com suas setas.
- c) Basta-*lhe* amar e o ter amado.
- d) Faz-*lhe* crescer as asas.
- e) Atirou-*lhe* com força o ferro gasto com o uso.

122) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquietos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo

.....
Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.

.....
À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.

.....
Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atrave-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domicio. Português. Rio de Janeiro: Luceu, 1972. V5. p.43)

Assinale a opção correta para a reescritura dos versos 15 e 16, do texto II, na terceira pessoa do singular, segundo a norma culta.

- a) Que eu vos direi, mulher dos meus amores:
- Amar-vos ainda é melhor do que ser Deus !
- b) Que eu lhe direi, mulher dos meus amores:
- Amá-la ainda é melhor do que ser Deus !
- c) Que eu a direi, mulher dos meus amores:
- Amar-lhe ainda é melhor do que ser Deus !
- d) Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus !
- e) Que eu a direi, mulher dos meus amores:
- Ama-a ainda é melhor do que ser Deus !

123) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo

Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo

.....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.

.....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.

.....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...

Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Solução o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atrave-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.
(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

Os pronomes relativos, sublinhados abaixo, estabelecem a coesão textual, retomando substantivos anteriormente expressos.

"Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via" .

Assinale a opção que contém os substantivos referidos, na ordem em que aparecem no fragmento acima:

- a) arco, olhos, tempo
- b) instrumentos , setas, olhos
- c) arco, asas, setas
- d) tempo, arco, olhos
- e) arco , setas, olhos

124) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade.

Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas. Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.

Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugio consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.

É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.

Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido.

CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Assinale a opção em que o pronome sublinhado estabelece uma referência a elemento anteriormente expresso no texto:

- a) "mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido."
- b) "De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de casa-grande e senzala,"
- c) "De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter"

d) "Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - **outra** coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro".

e) "Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro."

125) (UFMG-1997) Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem vi o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!" As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga despreendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus". O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de céσιο com pérfidas e letais emanções.

Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

Domingo último, levando minhas setters à única praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Felini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.

Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 09.01.1994.

Em todas as alternativas, a mudança de ordem das palavras destacadas não altera o significado básico das passagens, EXCETO em:

a)

Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade.

Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não preocupe mais a humanidade.

b)

Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.

Um dos cidadãos, em voz baixa, conspiratória, me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.

c)

Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

A camisinha, hoje, aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.

d)

Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que algum viciado ali deixara...

Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que viciado algum ali deixara...

126) (UFMG-1997) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para os provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.

E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejam os otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.

Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.

Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994

Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, EXCETO em:

- a) E as mulheres, as crianças, o mar, os livros **que** gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (que = os livros)
- b) Está numa igreja onde se adora um Deus em **que** ele não acredita. (que = Deus)
- c) Mas até os exames há os hieróglifos **que** ele procura decifrar. (que = os hieróglifos)
- d) Pelo jeito, ela deve saber o **que** está pedindo - o que não é o caso dele. (que = ela)

127) (UFPA-1997) "Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação: fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo." (Missa do Galo - Machado de Assis)

Em "... levava-me os olhos outra vez para Conceição." a função sintática de me é:

- a) objeto direto.
- b) adjunto adverbial.
- c) objeto indireto.
- d) adjunto adnominal.
- e) agente da passiva.

128) (UFPR-2002) Considerando os provérbios abaixo, assinale a(s) alternativa(s) em que os termos destacados são pronomes relativos, ou seja, que retomam um termo antecedente.

- () É de pequenino **que** se torce o pepino.
- () A vingança é um prato **que** se serve frio.
- () Mais vale um pássaro na mão do **que** dois voando.
- () Isso é do tempo em **que** se amarrava cachorro com lingüiça.
- () Ele(a) não é flor **que** se cheire.

129) (UFPR-1998) Em que alternativa(s) as duas sentenças estão de acordo com a norma culta quanto à concordância, regência ou flexão verbal?

- (01) a- Se houvesse, à disposição dos usuários, formulários suficientes, eles poderiam inscrever-se hoje.
- b- É importante você vir aqui para verificar as condições do prédio.
- (02) a- O sorteio foi suspenso porque houveram muitas reclamações no Procon.
- b- Para avaliação final do curso será solicitado trabalhos referentes a cada uma de suas unidades.

(04) a- A pessoa de quem o diretor falou está aqui para a entrevista.

b- Deixe essas questões para ser resolvidas quando você vier aqui.

(08) a- O documento foi refeito cujo o anterior apresentava problemas.

b- Essas recomendações só valem se você manter os dois empregos.

(16) a- Como taxa adicional de inscrição será cobrado R\$ 2,00 (dois) reais.

b- Se ele não teve que fazer o serviço é porque existe outras pessoas que fizeram-no por ele.

(32) a- Concordo com o autor onde ele fala que todos os pontos devem ser considerados.

b- Eu faria o serviço se houvessem condições adequadas para realizá-lo.

Marque como resposta a soma dos itens corretos.

130) (UFRJ-1996) CARTÃO DE NATAL

1.

Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar caderno novo,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de vôo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

2.

que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem,
o sim comer o não.

(MELO NETO, João Cabral de. MUSEU DE TUDO. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1975.)

O pronome demonstrativo "essa" pode ter, dentre outras, as seguintes funções:

- indicar a localização no espaço em relação à segunda pessoa do discurso (perto da pessoa com quem se fala / a quem se escreve);
- lembrar ao ouvinte ou ao leitor algo já mencionado.

Após reler o início do poema de João Cabral, responda:

- a) A qual dos empregos anteriormente descritos corresponde o uso do pronome demonstrativo no primeiro verso?
- b) Justifique a resposta do item anterior e retire do poema o dado que a comprova.

131) (UFRJ-2003) Balada do amor através das idades

Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
Saí do cavalo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.
(...)

Hoje sou moço moderno,
remo, pulo, danço, boxo,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notável,
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gosto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.
(DRUMOND, Carlos. *Alguma poesia*, 1930)

A norma culta não prevê o emprego dos pronomes tal como aparecem no Texto. Levando em consideração a proposta de linguagem do movimento literário em que o poema se insere, justifique o uso dos pronomes no primeiro verso.

132) (UFRJ-2003) Passou pela sala, sem parar avisou ao marido: vamos sair! e bateu a porta do apartamento. Antônio mal teve tempo de levantar os olhos do livro - e com surpresa espiava a sala já vazia. Catarina! Chamou, mas já se ouvia o ruído do elevador descendo. Aonde foram? perguntou-se inquieto, tossindo e assoando o nariz. Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado. Catarina! chamou aborrecido embora soubesse que ela não poderia mais ouvi-lo. Levantou-se, foi à janela e um segundo depois enxergou sua mulher e seu filho na calçada.
(LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. In: -. *Laços de Família*, 1960)

Do Texto, descreva dois mecanismos lingüísticos que sirvam para caracterizar o comportamento do marido.

133) (UFRJ-2006) TEXTO II: De manhã

O hábito de estar aqui agora
aos poucos substitui a compulsão
de ser o tempo todo alguém ou algo.
Um belo dia - por algum motivo
é sempre dia claro nesses casos -
você abre a janela, ou abre um pote
de pêssegos em calda, ou mesmo um livro
que nunca há de ser lido até o fim
e então a idéia irrompe, clara e nítida:
É necessário? Não. Será possível?
De modo algum. Ao menos dá prazer?

Será prazer essa exigência cega
a latejar na mente o tempo todo?
Então por quê?
E neste exato instante
você por fim entende, e refestela-se
a valer nessa poltrona, a mais cômoda
da casa, e pensa sem rancor:
Perdi o dia, mas ganhei o mundo.
(Mesmo que seja por trinta segundos.)

(BRITO, Paulo Henriques. *As três epifanias* - III. In: BRITO, P. H. *Macau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72-73)

Um pronome, para assumir valor indeterminado, não deve estar associado apenas a um interlocutor específico, mas também a outros interlocutores, depreensíveis do contexto.

Considerando a afirmativa acima, explique o valor indeterminado da forma *você* no texto II e justifique seu emprego para a construção do sentido do texto.

134) (UFSC-2007)

TEXTO 4

1 “Capitu deu-me as costas, voltando-se para o
espelinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e
entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as
últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé não
5 dava jeito: não esqueceste que ela era um nadinha
mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma
altura. Pedi-lhe que se sentasse”.

[...]

10 “Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas
me fez esquecer a primeira amada do meu coração?”

[...]

E bem, qualquer que seja a solução, uma
coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos,
a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior
amigo, tão extremosos ambos e tão queridos
também, quis o destino que acabassem juntando-se e
enganando-me... A terra lhes seja leve!”

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: FTD,
1991, p. 65, 208 e 209.

A respeito do TEXTO 4 e da obra *Dom Casmurro*, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Em “Peguei-lhe dos cabelos...” (linhas 1-3), “...que lhe desciam” (linha 3) e “Pedi-lhe que se sentasse” (linhas 4-5), a palavra destacada, embora sendo um pronome pessoal oblíquo, tem valor possessivo.

02. Os pronomes destacados em “Capitu deu-me as costas” (linha 1), “voltando-se para o es-pelinho” (linha 1) e “... que se sentasse” (linhas 4-5) são todos reflexivos, pois o mesmo indivíduo ao mesmo tempo que exerce a ação expressa pelo verbo, recebe os efeitos dessa ação.

04. Em “Em pé não dava jeito” (linha 3), a elipse do sujeito nos remete a Capitu, que não conseguia pentear seus cabelos sem o auxílio do narrador.

08. *Dom Casmurro* é um romance com fortes tendências realistas, em que Machado exercita com maestria os longos textos descritivos e explicativos, prolongando a história e protelando o desfecho.

16. A narrativa gira em torno do triângulo Bentinho, Capitu e Escobar. Bentinho é o narrador que está vivo e relatando o triste desfecho da história de sua vida, cujos pilares foram Capitu e Escobar, que já estão mortos.

32. Bentinho tem certeza de que foi traído, e o romance oferece pistas para sua comprovação, como, por exemplo, a semelhança de Ezequiel com Escobar e uma carta reveladora deixada por Capitu.

64. Com a frase “A terra lhes seja leve!” (linha 13), Bentinho revela acreditar que os dois possíveis amantes não merecem punição.

135) (UFSCar-2001)



(QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 264.)

Para que um ato de comunicação obtenha sucesso, é muito importante que haja um conhecimento comum, partilhado entre as pessoas. A graça nos quadrinhos apresentados reside no fato de haver informações não partilhadas entre as personagens.

a) Considerando todas as informações da história, explicita o que a personagem Susanita quis dizer, com sua frase no quarto quadrinho, e o que a personagem Manolito entendeu.

b) Percebe-se, no quarto quadrinho, uma oscilação no emprego de pessoas gramaticais. Reescreva a frase da personagem, utilizando uma única pessoa gramatical.

136) (UFSCar-2001) O trocano ribombou, derramando longe pela amplidão dos vales e pelos ecos das montanhas a pocema do triunfo.

Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo. Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o imenso rumor, clamando:

- Tu és Ubirajara, o senhor da lança, o vencedor de Pojucã, o maior guerreiro da nação tocantim.

(...)

Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacã, o grande chefe dos araguaiaes. (...)

Assim falou o ancião:

- Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaia, que deve estar na mão do mais possante. **Camacã o conquistou no dia em que escolheu por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe,** que não sofresse logo o castigo de sua audácia. Mas Tupã ordena que o ancião se curve para a terra, até desabar como o tronco carcomido; e que o mancebo se eleve para o céu como a árvore altaneira. Camacã revive em ti; a glória de ser o maior guerreiro cresce com a glória de ter gerado um guerreiro ainda maior do que ele.

(ALENCAR, José de. *Ubirajara*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 31-2.)

Vocabulário:

- **pocema**: canto selvagem, clamor.

No texto de Alencar, registra-se o discurso do índio.

a) Na fala do chefe Camacã, vê-se que ele se projeta numa terceira pessoa, como se falasse de um outro. Reescreva o trecho destacado em negrito no texto, passando-o para a primeira pessoa.

b) Atualmente, nota-se cada vez mais um emprego reduzido do pronome “cujo”. Que forma gramatical tem substituído esse pronome? Reescreva o trecho “a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue”, substituindo “cujo” por essa forma gramatical.

137) (UFSCar-2000) Tu amarás outras mulheres

E tu me esquecerás!

É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto

Alguma coisa em ti pertence-me!

Em mim alguma coisa és tu.

O lado espiritual do nosso amor

Nos marcou para sempre.

Oh, vem em pensamento nos meus braços!

Que eu te afeiçoe e acaricie...

(Manuel Bandeira: *A Vigília de Hero*. In: **O Ritmo Dissoluto**.

Poesia Completa e Prosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: José

Aguilar, 1967, p. 224.)

Manuel Bandeira usa, no poema, os pronomes pessoais com muitas variações. O pronome pessoal de primeira pessoa do singular, por exemplo, está empregado na sua forma reta e nas formas oblíquas (eu, me, mim). O mesmo acontece com o pronome pessoal de

a) segunda pessoa do singular.

b) terceira pessoa do singular.

c) primeira pessoa do plural.

d) segunda pessoa do plural.

e) terceira pessoa do plural.

138) (UFSCar-2000) Tu amarás outras mulheres

E tu me esquecerás!

É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto

Alguma coisa em ti pertence-me!

Em mim alguma coisa és tu.

O lado espiritual do nosso amor

Nos marcou para sempre.

Oh, vem em pensamento nos meus braços!

Que eu te afeiçoar e acaricie...

(Manuel Bandeira: A Vigília de Hero. In: **O Ritmo Dissoluto.**

Poesia Completa e Prosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 224.)

Se usasse a forma de tratamento você para designar a segunda pessoa, Manuel Bandeira deveria mudar a flexão de alguns verbos. Esses verbos seriam, sem exceção, os seguintes:

a) Amar, ser (3º verso), marcar, afeiçoar.

b) Amar, esquecer, ser (5º verso), vir.

c) Ser (3º verso), pertencer, marcar, acariciar.

d) Ser (3º verso), pertencer, afeiçoar, acariciar.

e) Amar, pertencer, vir, afeiçoar, acariciar.

139) (UFSCar-2002) Romance de uma Caveira

(Alvarenga e Ranchinho)

Eram duas caveiras que se amavam

E à meia-noite se encontravam

Pelo cemitério os dois passeavam

E juras de amor então trocavam.

Sentados os dois em riba da lousa fria

A caveira apaixonada assim dizia

Que pelo caveiro de amor morria

E ele de amores por ela vivia.

(...)

Mas um dia chegou de pé junto

Um cadáver, um vudu, um defunto.

E a caveira por ele se apaixonou

E o caveiro antigo abandonou.

O caveiro tomou uma bebedeira

E matou-se de um modo romanesco

Por causa dessa ingrata caveira

Que trocou ele por um defunto fresco.

O emprego de pronomes, além de garantir a coesão textual, pois organiza as informações, permite que se entendam as referências, o que é um auxílio na compreensão do texto.

a) Explique a diferença de uso do pronome “se” em cada um dos versos:

“Eram duas caveiras que se amavam”

“E matou-se de um modo romanesco”

b) No verso “Que trocou ele por um defunto fresco”, o referente do pronome é facilmente identificável. Contudo, nota-se que o emprego do pronome foge à norma padrão. Reescreva o verso segundo as convenções da linguagem culta.

140) (UFSCar-2003) Para responder à questão abaixo, leia o trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado.

O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de “Cana de Ilhéus”. Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d’água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo grosso de vidro, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela ria contentemente, diria a gemer: “precisava não, moço bonito ...” E aqui termina a história de Nacib e Gabriela, quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

A oração *Vasculhou os bolsos o loiro sueco*, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a

a) Vasculhou-o os bolsos.

b) Vasculhou-se o loiro sueco.

c) Vasculhou-lhe os bolsos.

d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.

e) Vasculhou-os o loiro sueco.

141) (UFSCar-2003) A questão seguinte baseia-se nos textos a seguir.

Iracema, de José de Alencar.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d’alma que da ferida.

(...)

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Onde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

Rosinha, minha canoa, de José Mauro de Vasconcelos.

Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.

- Que é que foi Andedura?

Andedura sungou a canoa na areia.

- Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, porque ele tem uma mala cheia de roupa e outra cheia de munto remédio.

- E que é que ele quer comigo?

- Sei não. (...) Tu vai?

O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.

- Como é que é o homem?

Grandão, meio *laranjo* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num güenta “mororã” porque tem pele branquinha, branquinha. Peitão meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano ... Feito o retrato o índio descansou ...

Os textos mostram possibilidades de expressão dentro de uma mesma língua: os recursos lingüísticos de Alencar não são, na sua totalidade, os mesmos empregados por Vasconcelos.

a) Observando a fala de Iracema e Andedura, percebe-se que ambos utilizam a 2ª pessoa do singular para se referirem ao seu interlocutor. Em que os usos de ambos se diferenciam? Reescreva uma frase de cada uma dessas personagens, empregando o registro de 3ª pessoa do singular.

b) Como se pode explicar a formação das expressões *laranjo* e *chegô*, presentes na fala de Andedura?

142) (UFSCar-2004) (...) Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo

facilitar - é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantoadada - erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços. (...)

(Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas.)

Normalmente, na construção de um texto, é comum um pronome recuperar um elemento anterior, como em “Fome Zero, abrace essa causa!” No trecho de Guimarães Rosa, há uma situação oposta, em que o elemento recuperado aparece depois do pronome.

a) Identifique essa situação.

b) Construa uma outra frase que repita esse tipo de situação.

143) (UFSCar-2005) AUTO-ESTIMA

“Fiz a cirurgia com 16 anos. Não fiz pelas outras pessoas, fiz para me olhar no espelho e me sentir bem (...) Eu sinto como se o meu corpo tivesse absorvido o silicone, como se o peito fosse meu mesmo. E é: meu pai pagou e ele é meu.” C. S., 17, sobre cirurgia plástica que fez nos seios, ontem na Folha.

(Folha de S.Paulo, 03.08.2004.)

Refletindo sobre o emprego dos pronomes possessivos em português, responda:

a) Como, no texto, pode ser definido o sentido de posse presente na expressão *como se o peito fosse meu mesmo*?

b) E como pode ser definido o sentido de posse na expressão *E é: meu pai pagou e ele é meu*?

144) (UFSCar-2005) Não permita Deus que eu morra

Sem que ainda vote em você;

Sem que, Rosa amigo, toda Quinta-feira que Deus dê,

Tome chá na Academia

Ao lado de vosmecê,

Rosa dos seus e dos outros,

Rosa da gente e do mundo,

Rosa de intensa poesia

De fino olor sem segundo;

Rosa do Rio e da Rua,

Rosa do sertão profundo

(Manuel Bandeira, Estrela da Vida Inteira.)

Observe os versos: Tome chá na Academia / Ao lado de vosmecê,

a) De que Academia se trata?

b) Vosmecê é uma variante de que pronome? Dê alguma outra variante desse mesmo pronome, de uso comum na língua falada do Brasil.

145) (UFSCar-2007) O sertanejo falando

A fala a nível do sertanejo engana:

as palavras dele vêm, como rebuçadas (palavras confeito, pílula), na glâce

de uma entonação lisa, de adocicada. Enquanto que sob ela, dura e endurece o caroço de pedra, a amêndoa pétrea, dessa árvore pedrenta (o sertanejo) incapaz de não se expressar em pedra. Daí porque o sertanejo fala pouco: as palavras de pedra ulceram a boca e no idioma pedra se fala doloroso; o natural desse idioma fala à força. Daí também porque ele fala devagar: tem de pegar as palavras com cuidado, confeitá-las na língua, rebuçá-las; pois toma tempo todo esse trabalho. (João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra*. Nova Fronteira, 1996, p. 16.)

Esse poema consta na primeira parte de *A educação pela pedra*, considerada pelo autor sua obra máxima. Depois de uma leitura atenta, responda.

- Qual o contraste entre a busca da palavra e o resultado de sua execução na boca do sertanejo?
- A que se refere, no texto, a palavra ela, no primeiro verso da segunda estrofe? Justifique sua resposta.

146) (UFTM-2007) [Jerônimo] Tomou conta da direção de todo o serviço, e em boa hora o fez, porque dia a dia a sua influência se foi sentindo no progresso do trabalho. Com o seu exemplo os companheiros tornavam-se igualmente sérios e zelosos. Ele não admitia relaxamentos, nem podia consentir que um preguiçoso se demorasse ali tomando o lugar de quem precisava ganhar o pão.

Acordava todos os dias às quatro horas da manhã, fazia antes dos outros a sua lavagem à bica do pátio, socava-se depois com uma boa palangana de caldo de unto, acompanhada de um pão de quatro; e, em mangas de camisa de riscado, a cabeça ao vento, os grossos pés sem meias metidos em um formidável par de chinelos de couro cru, seguia para a pedreira.

A sua picareta era para os companheiros o toque de reunir. Aquela ferramenta movida por um pulso de Hércules valia bem os clarins de um regimento tocando alvorada.

Jerônimo só voltava a casa ao descair da tarde, morto de fome e de fadiga. A mulher preparava-lhe sempre para o jantar alguma das comidas da terra deles. E ali, naquela estreita salinha, sossegada e humilde, gozavam os dois, ao lado um do outro, a paz feliz dos simples, o voluptuoso prazer do descanso após um dia inteiro de canseiras ao sol.

Passaram-se semanas. Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam;

esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e voltava-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros. (Aluísio Azevedo, *O cortiço*. Texto editado)

Para responder à questão, atenha-se à seguinte passagem do texto:

.... dia a dia a sua influência se foi sentindo.

Assinale a alternativa em que o pronome destacado tem sentido de possessivo, como o pronome – sua – empregado nessa passagem.

- Volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol.
- E ali, naquela estreita salinha, sossegada e humilde.
- A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevisíveis.
- Uma transformação operava-se nele, dia a dia.
- Operava-se nele, dia a dia, reviscerando-lhe o corpo.

147) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?

Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!

Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.

Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns

quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um. Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.

Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividi-los em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação. Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígine australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem

adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo*, 1º de abril de 2006.

Assinale a **ÚNICA** alternativa em que o termo em destaque **NÃO** foi identificado adequadamente.

- “Através da comparação, conseguiram dividi-**los** em cinco grupos étnicos...” (linhas 42-43) = 52 grupos de habitantes
- “Tecnicamente, **essas diferenças** recebem o nome de polimorfismos.” (linha 37) = disparidades
- “Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada **um**.” (linhas 32-34) = indivíduo
- “Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou **os** menos aptos.” (linhas 59-61) = genes

148) (Unicamp-1994) Leia atentamente os textos a seguir:

- Estes são alguns dos equipamentos que a reserva de mercado não permitia a entrada no país sem a autorização do DEPIN. (FSP, 18.10.92)
- Fazer pesquisa insinuando que 64% dos brasileiros acham que existe corrupção no governo Itamar não é um ato inteligente de um jornal de que todos gostamos e que é dever de nós brasileiros lutar pela conservação de sua isenção". (Adaptado de Ewerton Almeida, vice-líder do PMDB da Bahia, Painel do Leitor, FSP 08.06.93)

Reescreva os trechos acima, introduzindo as seqüências "cuja entrada" e "cuja isenção", respectivamente. (faça apenas as alterações necessárias, decorrentes da nova estrutura das frases.)

149) (Unicamp-2003) O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse

motivo que o dólar sobe. (Fernando Rodrigues, Folha de S. Paulo, 25/09/2002 - parcialmente adaptado)

- Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho acima não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?
- O final da seqüência “seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade...” apresenta um problema de coerência, que pode ser eliminado de duas maneiras. Quais são essas duas maneiras?
- Destaque uma passagem que indica que o texto é pessimista (ou crítico) em relação ao Partido.

150) (Unicamp-2002) Leia o seguinte soneto de Camões:

Oh! Como se me alonga, de ano em ano,
a peregrinação cansada minha.
Como se encurta, e como ao fim caminha
este meu breve e vão discurso humano.

Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
perde-se-me um remédio, que inda tinha.
Se por experiência se adivinha,
qualquer grande esperança é grande engano.

Corro após este bem que não se alcança;
no meio do caminho me falece,
mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,
se os olhos ergo a ver se inda parece,
da vista se me perde e da esperança.

- Na primeira estrofe, há uma contraposição expressa pelos verbos alongar e encurtar. A qual deles está associado o cansaço da vida e qual deles se associa à proximidade da morte?
- Por que se pode afirmar que existe também uma contraposição no interior do primeiro verso da segunda estrofe?
- A que termo se refere o pronome “ele” da última estrofe?

151) (Unicamp-2005) Mario Sergio Cortella, em sua coluna mensal “Outras Idéias” escreve:

(...) reconheça-se: a maior contribuição de Colombo não foi ter colocado um ovo em pé ou ter aportado por aqui depois de singrar mares nunca dantes navegados. Colombo precisa ser lembrado como a pessoa que permitiu a nós, falantes do inglês, do francês ou do português, que tivéssemos contato com uma língua que, do México até o extremo sul da América, é capaz de nos ensinar a dizer “nosotros” em vez de apenas “we”, “nous”, “nós”, afastando a arrogante postura do “nós” de um lado e do “vocês” do outro. Pode parecer pouco, mas “nós” é quase barreira que separa, enquanto “nosotros” exige perceber

uma visão de alteridade, isto é, ver o outro como um outro, e não como um estranho. Afinal, quem são os outros de nós mesmos? O mesmo que somos para os outros, ou seja, outros!

(Mario Sergio Cortella, Folha de S.Paulo, 9 de outubro de 2003).

O texto acima nos faz pensar na distinção entre um ‘nós’ inclusivo e um ‘nós’ excludente.

- Segundo o excerto, ‘nosotros’ apresenta um sentido inclusivo. Justifique pela morfologia dessa palavra.
- “Nós brasileiros falamos português” apresenta um ‘nós’ excludente. Explique.

152) (UNICAMP-2007) Em 7 de agosto de 2006, foi publicada, no jornal Correio Popular de Campinas, a seguinte carta:

Li reportagem no jornal e me surpreendi, pois moro próximo ao local de infestação de carrapatos-estrela no Jardim Eulina, e sei que existem muitas capivaras, mesmo dentro da área militar. Surpreendi-me ainda ao saber que vão esperar o laudo daqui a 15 dias para saber por que ou do que as pessoas morreram. Gente, saúde pública é coisa séria! Não seria o caso de remanejar esses bichos imediatamente, como prevenção, uma vez que estão em zona urbana? (Carrapatos, M., M.).

- Na carta acima, a que se refere a expressão “esses bichos”? Justifique.
- A compreensão da carta pode ser dificultada porque há nela vários implícitos. Aponte duas passagens do texto em que isso ocorre e explique.
- Que palavra da carta justifica a referência a “saúde pública”?

153) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (1823-1864).

Primeira tirinha



(Estúdio Maurício de Sousa. *Bala Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha



(Estúdio Mauricio de Sousa. *Bibi Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio

(...)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Antônio Gonçalves Dias, *Primeiros Cantos*)

Nas falas “Minha terra tem Corinthians, **onde** canta o sabiá!” e “cada um tem o time **que** quiser!...”, da segunda tirinha, os vocábulos em destaques estabelecem, respectivamente, as relações sintático-semânticas de

- conector de oração adjetiva em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a o time.
- conector de oração adverbial em relação a terra e conector de oração adjetiva em relação a time.
- conector de oração adjetiva em relação a Corinthians e conector de oração adjetiva em relação a cada um.
- conector de oração adverbial em relação a Corinthians e conector de oração adverbial em relação a um.

e) conector de oração adverbial de lugar em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a cada um.

154) (Unifesp-2003) A questão a seguir toma por base a primeira estrofe de “O menino da porteira”, de Teddy Vieira (1922-1965) e Luís Raimundo (1916-), o Luisinho, e a letra de “Meu bem-querer”, de Djavan (1949-).

O Menino da Porteira

Toda a vez que eu viajava
Pela estrada de Ouro Fino,
De longe eu avistava
A figura de um menino,
Que corria abri[r] a porteira
Depois vinha me pedindo:
- Toque o berrante, seu moço,
Que é p’ra mim ficá[ar] ouvindo.
.....
(Luisinho, Limeira e Zezinha, 1955)

Meu bem querer

Meu bem-querer
É segredo, é sagrado,
Está sacramentado
Em meu coração.
Meu bem-querer
Tem um quê de pecado
Acariciado pela emoção.
Meu bem-querer, meu encanto,
Tô sofrendo tanto, amor.

E o que é o sofrer
Para mim, que estou
Jurado p’ra morrer de amor?
(Djavan. *Alumbramento*. Emi-Odeon. 1980)

“O menino da porteira”, cururu gravado em 1955, mostra-se como um significativo exemplo de projeção da linguagem oral cotidiana na poesia-canção popular brasileira. Observe o verso *Que é p’ra mim ficá[ar] ouvindo*, e compare-o com o verso *Pra mim, que estou*, de Djavan. Num deles ocorre um fato lingüístico que a gramática normativa considera “erro de português”. A indicação do “erro” e a “correção” correspondente estão em

- p’ra mim, de “O menino da porteira”, que deveria ser corrigida para p’ra eu, pois o pronome pessoal eu é objeto direto da locução verbal ficá ouvindo.
- para mim, de “Meu bem-querer”, que deveria ser corrigida para para eu, porque o pronome pessoal eu é sujeito do verbo estou.
- para mim, de “Meu bem-querer”, que deveria ser corrigida para p’ra eu, por analogia a p’ra morrer, do verso seguinte.

D) p'ra mim, de "O menino da porteira", que deveria ser corrigida para p'ra eu, uma vez que o pronome pessoal eu é sujeito da locução verbal ficá ouvindo.

E) p'ra mim, de "O menino da porteira", que deveria ser corrigida para para eu, por se tratar de uma locução adverbial.

155) (UNIFESP-2005) Senhor feudal

Se Pedro Segundo

Vier aqui

Com história

Eu boto ele na cadeia.

Oswald de Andrade

De acordo com a norma padrão, o último verso assumiria a seguinte forma:

- Eu boto-lhe na cadeia.
- Boto-no na cadeia.
- Eu o boto na cadeia.
- Eu lhe boto na cadeia.
- Lhe boto na cadeia.

156) (UNIFESP-2004) Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem - ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos.

Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! - é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco - é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso - por estúrdio que me vejam - é de minha certa importância.

Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assidado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela - já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter uma aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças - eu digo. Pois não é o ditado: "menino - trem do diabo"? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... O diabo na rua, no meio do redemunho... (Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas.)

A expressão Este caso, em destaque no texto, refere-se

- à existência do diabo.
- ao redemunho, reduto do diabo.
- à opinião do interlocutor.
- à velhice do narrador.
- ao estado preto do diabo.

157) (Unifor-2003) O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas

por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.

Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre "muito tido, muito visto, muito conhecido", como diria o poeta Rimbaud. Daí a seriedade do ofício do cronista e a frequência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)

Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d'água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede. (Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa**. Aguilar, 1974, p. 591-2)

O termo grifado nos segmentos abaixo está substituído pelo pronome adequado, corretamente colocado, em:

- que **desafoga o leitor** = que lhe desafoga.
- praticaram **o essay** = praticaram-no.
- de onde viria a sair **a crônica** = viria a sair-lhe.
- deram **à crônica** suas lições = deram-na.
- dos que nela matam **a sede** = que nela matam-na.

158) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas. Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da

verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.

Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.

Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade" pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então." (Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase: "Permitam-me fazer uma confissão: para mim o esforço no sentido de obter...", o autor empregou o pronome "mim" no lugar de "eu", porque:

- a) a preposição "para" rege o verbo "obter".
- b) a preposição "para" rege o pronome oblíquo átono "mim".
- c) a preposição "para" é regida pelo verbo "permitam".
- d) o autor errou; o certo é usar "eu".
- e) a preposição "para" rege o pronome oblíquo tônico "mim".

159) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de "Dom Casmurro", de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e

acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me "Dom Casmurro". Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Conteí a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você." "___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo." "___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça."

Não consultes dicionários. "Casmurro" não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. "Dom" veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Em todas as alternativas o referente do termo em destaque está adequadamente identificado, **EXCETO**:

- a) "Nem por **isso** me zanguei." = o fato de o apelido ter pegado
- b) "...e vai **lá** passar uns quinze dias comigo." = Engenho Novo
- c) "... e eles, por graça, chamam-me **assim** ..." = Dom Casmurro
- d) "**Tudo** por estar cochilando!" - a alcunha recebida

160) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de "Dom Casmurro", de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os

olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.

- Já acabei, murmurou ele.

- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Observe os seguintes trechos:

I) “... encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, **que** eu conheço de vista e de chapéu.”

II) “Sucedeu, porém, **que**, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes...”

III) “Os vizinhos, **que** não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha...”

IV) “...não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, **que** afinal pegou.”

V) “Meu caro Dom Casmurro, não cuide **que** o dispense do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade...”

Assinale a alternativa correta que completa a sentença abaixo.

O elemento, em destaque, introduz orações com o mesmo valor sintático em

- III, IV e V
- II, IV e V
- I, III e IV
- I, II e V

161) (Vunesp-2002) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base as primeiras quatro estrofes da **Canção do Tamoio**, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias

(1823-1864), um trecho da **Oração aos Moços**, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o **Hino do Deputado**, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

Canção do Tamoio

I
 Não chores, meu filho;
 Não chores, que a vida
 É luta renhida:
 Viver é lutar.
 A vida é combate,
 Que os fracos abate,
 Que os fortes, os bravos,
 Só pode exaltar.

II
 Um dia vivemos!
 O homem que é forte
 Não teme da morte;
 Só teme fugir;
 No arco que entesa
 Tem certa uma presa,
 Quer seja tapuia,
 Condor ou tapir.

III
 O forte, o cobarde
 Seus feitos inveja
 De o ver na peleja
 Garboso e feroz;
 E os tímidos velhos
 Nos graves concelhos,
 Curvadas as fronteiras,
 Escutam-lhe a voz!

IV
 Domina, se vive;
 Se morre, descansa
 Dos seus na lembrança,
 Na voz do porvir.
 Não cures da vida!
 Sê bravo, sê forte!
 Não fujas da morte,
 Que a morte há de vir!

(GONÇALVES DIAS, Antônio. Obras Poéticas. Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.
 Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se

defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]

Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado. (BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*[discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S.Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
 Ai, quem não chora não mama,
 Quem não mama fica fraco,
 Fica sem força pra vida,
 A vida é luta renhida,
 Não é sopa, é um buraco.
 Se eu não tivesse chorado
 Nunca teria mamado,
 Não estava agora cantando,
 Não teria um automóvel,
 Estaria caceteado,
 Assinando promissória,
 Quem sabe vendendo imóvel
 A prestação ou sem ela,
 Ou esperando algum tigre
 Que talvez desse amanhã,
 Ou dando um tiro no ouvido,
 Ou sem olho, sem ouvido,
 Sem perna, braço, nariz.
 Chora, meu filho, chora,
 Anteontem, ontem, hoje,
 Depois de amanhã, amanhã.
 Não dorme, filho, não dorme,
 Se você toca a dormir
 Outro passa na tua frente,
 Carrega com a mamadeira.
 Abre o olho bem aberto,
 Abre a boca bem aberta,
 Chore até não poder mais.
 (MENDES, Murilo. *História do Brasil*, XLIII. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

No verso do **Hino do Deputado** "A prestação ou sem ela", o pronome pessoal do caso reto "ela" faz referência ao

antecedente "prestação". Fundamentado nesta informação e neste exemplo,

- aponte o antecedente a que se refere o pronome "as" no seguinte período de **Oração aos Moços**: "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado.";
- ainda considerando o período "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado", identifique a função sintática exercida pelo pronome "as" e por seu antecedente nas respectivas orações de que fazem parte.

162) (Vunesp-2002) *Trovas a uma dama que lhe jurara sempre por seus olhos.*

Quando me quer enganar
 a minha bela perjura,
 para mais me confirmar
 o que quer certificar,
 pelos seus olhos mo jura.
 Como meu contentamento
 todo se rege por eles,
 imagina o pensamento
 que se faz agravo a eles
 não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais
 ando já visto e corrente,
 sem outros certos sinais,
 quanto me ela jura mais
 tanto mais cuido que mente.
 Então, vendo-lhe ofender
 uns tais olhos como aqueles,
 deixo-me antes tudo crer,
 só pela não constranger
 a jurar falso por eles.
 (CAMÕES, Luís de. *Lírica*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 56-57.)

Você só... mente
 Não espero mais você,
 Pois você não aparece.
 Creio que você se esquece
 Das promessas que me faz...
 E depois vem dar desculpas
 Inocentes e banais.
 É porque você bem sabe
 Que em você desculpo
 Muita coisa mais...
 O que sei somente
 É que você é um ente
 Que mente inconscientemente,
 Mas finalmente,
 Não sei por que
 Eu gosto imensamente de você.

E invariavelmente,

Sem ter o menor motivo,
Em um tom de voz altivo,
Você, quando fala, mente
Mesmo involuntariamente.
Faço cara de contente,
Pois sua maior mentira
É dizer à gente
Que você não mente.

O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
Eu gosto imensamente de você.
(In: Noel pela primeira vez. Coleção organizada por Miguel Jubran. São Paulo: MEC/FUNARTE/VELAS, 2000, Vol. 4, CD 7, faixa 01.)

Além do eu-poemático, que se revela formalmente pelo emprego do pronome pessoal do caso reto “eu” e correspondentes pronomes oblíquos, como também pelas flexões verbais de primeira pessoa do singular, surge em Trovas e em Você só... mente outra personagem: a pessoa amada. Depois de observar atentamente as marcas da presença desta personagem nos dois textos,
a) demonstre, com base em exemplos, como a pessoa amada se revela formalmente em Trovas;
b) explique por que razão não se pode determinar o sexo da pessoa amada em Você só... mente.

163) (Vunesp-2003) A questão abaixo toma por base um fragmento da Poética, do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), um fragmento de Corte na Aldeia, do poeta clássico português Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), e um fragmento de uma crônica do escritor realista brasileiro Machado de Assis (1839-1908).

Poética

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos

seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibiades ou o que lhe aconteceu.
(Aristóteles, Poética)

Corte na Aldeia

- A minha inclinação em matéria de livros (disse ele), de todos os que estão presentes é bem conhecida; somente poderei dar agora de novo a razão dela. Sou particularmente afeiçoado a livros de história verdadeira, e, mais que às outras, às do Reino em que vivo e da terra onde nasci; dos Reis e Príncipes que teve; das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insignes, que, pelo discurso dos anos, floresceram; das nobrezas e brasões que por armas, letras, ou privança se adquiriram. [...]

[...]
- Vós, senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapácios; mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas histórias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado que não há pano sem nódoa, nem légua sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem que os houvesse, as damas quão castas, os Reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortesias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. [...]

Muito festejaram todos o conto, e logo prosseguiu o Doutor:

- Tão bem fingidas podem ser as histórias que merecem mais louvor que as verdadeiras; mas há poucas que o sejam; que a fábula bem escrita (como diz Santo Ambrósio), ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão, em que se podem manifestar as cousas verdadeiras.

(Francisco Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia)

Crônica

(15.03.1877)

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.

E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só

fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.

[...]

(Joaquim Maria Machado de Assis, História de Quinze Dias. In: Crônicas)

Os pronomes demonstrativos são algumas vezes empregados na frase para fazer referência a termos antecedentes, ou seja, empregados anteriormente na mesma ou em outra frase. De posse desta informação, a) aponte os respectivos antecedentes dos pronomes demonstrativos aquela e esta no terceiro período do texto de Aristóteles (de “Por isso...” até “... o particular”); b) explique, com base nessa e em outras passagens do texto de Aristóteles, a diferença entre o historiador e o poeta.

164) (Vunesp-2003) As questão abaixo toma por base o poema Lisbon Revisited, do heterônimo Álvaro de Campos do poeta modernista português Fernando Pessoa (1888-1935), e a letra da canção Metamorfose Ambulante, do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas (1945-1989).

Lisbon Revisited

(1923)

Não: não quero nada.

Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!

A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!

Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!

Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) -

Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.

Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?

Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?

Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.

Assim, como sou, tenham paciência!

Vão para o diabo sem mim,

Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!

Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!

Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.

Já disse que sou sozinho!

Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul - o mesmo da minha infância -

Eterna verdade vazia e perfeita!

Ó macio Tejo ancestral e mudo,

Pequena verdade onde o céu se reflete!

Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!

Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...

E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

(Fernando Pessoa, Ficções do Interlúdio/4: poesias de Álvaro de Campos)

Metamorfose Ambulante

Prefiro ser essa metamorfose ambulante

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Sobre o que é o amor

Sobre que eu nem sei quem sou

Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou

Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor

Lhe tenho amor

Lhe tenho horror

Lhe faço amor

eu sou um ator...

É chato chegar a um objetivo num instante

Eu quero viver nessa metamorfose ambulante

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Sobre o que é o amor

Sobre que eu nem sei quem sou

Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou

Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor

Lhe tenho amor

Lhe tenho horror

Lhe faço amor

eu sou um ator...

Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
 Do que ter aquela velha velha velha velha opinião formada
 sobre tudo...
 Do que ter aquela velha velha opinião formada sobre
 tudo...
 Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...
 (Raul Seixas, Os grandes sucessos de Raul Seixas)

Atentando para o fato de que a função conativa da linguagem é orientada para o destinatário da mensagem,
 a) identifique o modo verbal que, insistentemente empregado pelo eu-poemático, torna muito intensa a orientação para o destinatário no poema de Fernando Pessoa;
 b) considerando que, no verso de número 12, Raul Seixas, adotando o uso popular, empregou os pronomes te e lhe para referir-se a uma mesma pessoa, apresente duas alternativas que teria o poeta para escrever esse verso segundo a norma culta.

165) (Vunesp-2004) A próxima questão toma por base uma cantiga do trovador galego Airas Nunes, de Santiago (século XIII), e o poema Confessor Medieval, de Cecília Meireles (1901-1964).

Cantiga
*Bailemos nós já todas três, ai amigas,
 So aquestas avelaneiras frolidas,*
 (frolidas = floridas)
E quem for velida, como nós, velidas,
 (velida = formosa)
*Se amigo amar,
 So aquestas avelaneiras frolidas*
 (aquestas = estas)
Verrá bailar.
 (verrá = virá)

Bailemos nós já todas três, ai irmanas,
 (irmanas = irmãs)
So aqueste ramo destas avelanas,
 (aqueste = este)
E quem for louçana, como nós, louçanas,
 (louçana = formosa)
*Se amigo amar,
 So aqueste ramo destas avelanas*
 (avelanas = avelaneiras)
Verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos,
 (mentr'al = enquanto outras coisas)

*So aqueste ramo frolido bailemos,
 E quem bem parecer, como nós parecemos*
 (bem parecer = tiver belo aspecto)

*Se amigo amar,
 So aqueste ramo so lo que bailemos
 Verrá bailar.*
 (Airas Nunes, de Santiago. In: SPINA, Segismundo. Presença da Literatura Portuguesa - I. Era Medieval. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.)

Confessor Medieval
 (1960)
*Irias à bailia com teu amigo,
 Se ele não te dera saia de sirgo?*
 (sirgo = seda)

*Se te dera apenas um anel de vidro
 Irias com ele por sombra e perigo?*

*Irias à bailia sem teu amigo,
 Se ele não pudesse ir bailar contigo?*

*Irias com ele se te houvessem dito
 Que o amigo que amavas é teu inimigo?*

*Sem a flor no peito, sem saia de sirgo,
 Irias sem ele, e sem anel de vidro?*

*Irias à bailia, já sem teu amigo,
 E sem nenhum suspiro?*
 (Cecília Meireles. Poesias completas de Cecília Meireles - v. 8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.)

Tanto na cantiga como no poema de Cecília Meireles verificam-se diferentes personagens: um eu-poemático, que assume a palavra, e um interlocutor ou interlocutores a quem se dirige. Com base nesta informação, releia os dois poemas e, a seguir,

a) indique o interlocutor ou interlocutores do eu-poemático em cada um dos textos.

b) identifique, em cada poema, com base na flexão dos verbos, a pessoa gramatical utilizada pelo eu-poemático para dirigir-se ao interlocutor ou interlocutores.

166) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base uma passagem da peça teatral *O Judeu*, de Bernardo Santareno (pseudônimo de Antônio Martinho do Rosário, 1924-1980) e o poema *O Início do Interrogatório*, do poeta brasileiro Jamil Almansur Haddad (1914-1988).

O Judeu
 Antônio José (*Que perde o auto-domínio, desesperado.*)
 Nem judeu, nem judaizante eu sou!! Inocente me encontro das culpas de que me acusais! Inocente estou e inocente me afirmarei, até que me matem!!...
 2.º Inquisidor (*Violento, tigrino.*) Judeu e judaizante, isso és!! A tua pestilenta boca vomitou, enfim, essas palavras

malditas! Judeu e judaizante. E, com o dizê-las, o bafo do Demónio já enche de fedor esta Mesa, esta Casa, Lisboa inteira! Judeu e judaizante!!

Inquisidor-Mor (*Como uma lâmina; febre negra e fria nos olhos.*) Obrigado se acha o preso a declarar, diante deste Santo Tribunal, o nome, ou nomes, da pessoa, ou pessoas, de que aprendeu os erros que ora lhe apodrecem a consciência. Quando e aonde foi? Quais as pessoas que lá estavam presentes? Quais as pessoas com quem comunicou confessar os mesmos erros...?

António José Nem judeu, nem judaizante, eu fui, ou sou. (O Inquisidor-Mor faz sinal ao Carrasco. Este vem ao preso, leva-o ao centro de cena e aí o ata, com uma corda, pelos braços.)

Notário (*Que se levanta.*) Em nome dos Reverendos Inquisidores que servem à Mesa deste Santo Tribunal, protesto que se o réu no tormento morrer, quebrar algum membro ou perder algum sentido, a culpa será sua, pois voluntariamente se expõe àquele perigo, que pode evitar confessando suas culpas, e não será dos ministros do Santo-Ofício que, fazendo justiça segundo os merecimentos de sua causa, o julgam a tormento. (*Senta-se. O Carrasco logo puxa a corda que, prendendo António José pelos braços, passa numa roldana colocada em cima, na teia: O preso é assim içado, ficando suspenso no ar.*)

Inquisidor-Mor Da parte de Nosso Senhor, com muita caridade, admoestamos o réu a confessar suas culpas. (*António José, suspenso pelos braços, volta a cabeça, cerrando os dentes. Sinal do Inquisidor-Mor: O Carrasco larga a corda e, deste modo, António José despenha-se no ar em direcção ao pavimento; num golpe súbito, o Carrasco de novo sustém a corda: com o corpo contorcendo-se-lhe todo pela violência do choque e as cordas enterrando-se-lhe nas carnes, o Judeu solta um urro de dor. Pausa nos tratos: António José suspenso no ar.*) Uma vez mais, da parte de Nosso Senhor, pelas Suas benditas entranhas inquirimos do réu: Disposto está a confessar as suas culpas, para descargo da sua consciência, salvação da sua alma e para que se ponha em estado de com ele, neste e em maiores transes, o Santo-Ofício poder usar de misericórdia? (*António José morde os lábios para não falar. O Geral faz sinal ao Carrasco: Recomeçam os tratos de polé.*)

António José (*Ao sofrer, pela 2.a vez, as dores do tremendo esticção, não se domina: cede.*) Confesso!... Por amor de Deus, tirai-me daqui!... Confesso!... Quanto quiserdes, eu confessarei!... Confesso!... Confesso!...

(Bernardo Santareno. *O Judeu, narrativa dramática em três actos.*)

O Início do Interrogatório

- 1 - Onde é a terra,
Fortificada?
Onde é a Serra?
- Não digo nada.

5 - Sierra Maestra
Ela é chamada.
Ao Norte? À Destra?

- Não digo nada.
Glória sem mágoa,
Paixão que exalta.
Só sei que é alta
Como o Aconcágua.

15 - Vou inquiri-lo,
Alma danada,
Ao teu mamilo,
Junto o cautério,
Morra o mistério!

20 - Não digo nada.
Só sei que inunda
A altura acesa.
Ela é profunda
Como a pobreza.

25 - Irei prendê-lo,
De madrugada
Ao tornozelo.

- Não digo nada.
Áspera e mansa,
Ela é azulada
Como a esperança.

30 - Morres à míngua.
Na hora aprazada
Queimo-te a língua...

35 - Não digo nada.
Ah, não a cita
O poeta Herédia!
Ela é infinita
Como a tragédia.

(Jamil Almansur Haddad. *Romanceiro cubano.*)

No poema de Haddad verificamos um fato muito interessante de emprego estilístico das formas de tratamento: o torturador mistura formas pronominais e verbais de segunda e terceira pessoas ao dirigir-se ao torturado ao longo do poema. Essa mistura, que o gramático normativo consideraria um erro, tem, no entanto, justificativa de ordem formal e estilística no poema. Com base nesta informação, a) explique a razão de ordem formal e estilística pela qual o poeta utilizou os pronomes átonos na terceira e não na segunda pessoa do singular nos versos 13 e 23;

b) reescreva a estrofe que vai dos versos 13 a 17, uniformizando o tratamento em uma dessas pessoas.

167) (VUNESP-2006) Meninos carvoeiros

Os meninos carvoeiros

Passam a caminho da cidade.

- Eh, carvoero!

E vão tocando os animais com um relho enorme.

Os burros são magrinhos e velhos.

Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.

A aniagem é toda remendada.

Os carvões caem.

(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)

- Eh, carvoero!

Só mesmo estas crianças raquíticas

Vão bem com estes burrinhos descadeirados.

A madrugada ingênuo parece feita para eles...

Pequenina, ingênuo miséria!

Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

- Eh, carvoero!

Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,

Encarapitados nas alimárias,

Apostando corrida,

Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados!

Petrópolis, 1921

(Manuel Bandeira, O ritmo dissoluto.)

Variados são os recursos usados para garantir a coesão textual. No poema de Manuel Bandeira, pode-se verificar que ocorrem conectivos, advérbios, pronomes, por exemplo, para estabelecer a ligação entre as partes do texto, entre as orações e entre os termos. Tendo em vista essa característica,

a) identifique a expressão que o pronome relativo que substitui, na segunda estrofe do poema;

b) reescreva o último verso da segunda estrofe, substituindo o pronome pessoal oblíquo os pelo termo a que se refere.

168) (Vunesp-Ilha Solteira-2001) Determinada instituição bancária enviou aos seus clientes uma carta, na qual lhes propõe uma linha de crédito pessoal para o Dia das Mães.

Considere os seguintes trechos desse documento:

“Por ter feito de você esta grande pessoa, o crédito é todo para ela.”

“Por tornar este Dia das Mães simplesmente inesquecível, o crédito é todo seu.”

A partir da leitura dos dois trechos da carta, responda:

a) A quem se referem os pronomes “ela” e “seu”?

b) Quais as interpretações que podem ser feitas da palavra “crédito” nos trechos da carta?

169) (UFES-2002)

RECRUTA ZERO/Mort Walker



Indique a alternativa que explicita a avaliação que o Sargento faz de Zero na tirinha acima:

- Ser um nada de primeira categoria é melhor do que ser alguma coisa de décima categoria.
- Ser alguma coisa de décima categoria é ainda ser alguma coisa.
- Ser o primeiro em alguma coisa é melhor do que ser o décimo em qualquer coisa.
- Ser um nada de primeira categoria ou alguma coisa de décima categoria é não ser nada.
- Ser um nada de primeira categoria é pior do que ser alguma coisa de décima categoria.

170) (UFSCar-2005) Em casa, brincava de missa, - um tanto às escondidas, porque minha mãe dizia que missa não era coisa de brincadeira. Arranjávamos um altar, Capitu e eu. Ela servia de sacristão, e alterávamos o ritual, no sentido de dividirmos a hóstia entre nós; a hóstia era sempre um doce. No tempo em que brincávamos assim, era muito comum ouvir à minha vizinha: “Hoje há missa?” Eu já sabia o que isto queria dizer, respondia afirmativamente, e ia pedir hóstia por outro nome. Voltava com ela, arranjávamos o altar, engrolávamos o latim e precipitávamos as cerimônias. Dominus non sum dignus ...* Isto, que eu devia dizer três vezes, penso que só dizia uma, tal era a gulodice do padre e do sacristão. Não bebíamos vinho nem água; não tínhamos o primeiro, e a segunda viria tirar-nos o gosto do sacrifício. (Machado de Assis, Dom Casmurro, Obra completa.)

*Trecho da fala do sacerdote, no momento da comunhão, que era proferida em latim, antes do Concílio Vaticano II. A fala inteira, que deve ser repetida três vezes, é: Dominus non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbum e sanabitur anima mea, cuja tradução é: Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada, mas disse uma só palavra e minha alma será salva.

Assinale a alternativa que contém palavras que, no texto de Machado, retomam termos de uma frase anterior, promovendo a coesão do texto.

- primeiro, segunda.
- casa, ritual.
- precipitávamos, cerimônias.

- d) doce, gulodice.
- e) dividirmos, alterávamos.

GABARITO

1) Alternativa: C

2) A única passagem que admitiria a inclusão de uma combinação de preposição e artigo seria: “sobretudo cor de chumbo”. Assim, teríamos: sobretudo **da** cor de chumbo. A inclusão da preposição “de” e do artigo definido “a” explicitaria uma combinação que vem implícita.

3) Alternativa: B

4) Alternativa: A

5) Alternativa: A

6) a) A ausência do artigo generaliza a palavra 'velho', ou seja, o autor está se referindo à idéia de velhice independentemente de um ser que a receba.

b) O artigo indefinido UM denota idéia de que se trata de um velho qualquer, não particularizado. A expressão COMO TANTOS OUTROS faz o mesmo, criando assim um efeito enfático, pleonástico.

7) Alternativa: D

8) Alternativa: C

9) Alternativa: E

10) Alternativa: E

11) Alternativa: A

12) Alternativa: B

13) Alternativa: D

14) Alternativa: C

15) Alternativa: D

16) Alternativa: E

17) Alternativa: D

18) Alternativa: A

19) a) Para o eu-lírico, a vida verdadeira é aquela que é sonhada, almejada. Já a vida falsa é aquela que vivemos, experimentamos, a que estamos sujeitos à morte.

b) “Aquela” e “esta” referem-se à vida falsa e o pronome “outra” refere-se à vida verdadeira.

20) Alternativa: D

21) Alternativa: D

22) Alternativa: B

23) Alternativa: A

24) Alternativa: A

25) Nós formamos uma equipe de três. Portanto, sem **mim** (1ª), sem **ti** (2ª) e sem **ele / ela** (3ª) não será possível fazer o trabalho, já que é para **eu** (1ª) comprar o material, para **tu** (2ª) **preparares** (preparar) o projeto e para **ele / ela** (3ª) **executá-lo** (executar + o).

26) Na frase original, o pronome *lhe* funciona como Objeto Indireto de anunciava. Já na transformada, o *lhe* pode passar a ser interpretado como um pronome possessivo, funcionando como sua (...matar a sua sede...).

27) Sim. Na primeira frase, toda assume o significado de inteira; já na segunda, o de qualquer.

28) a) O pronome pessoal do caso reto *eu* só pode ser usado com a função de sujeito. No fragmento, o pronome *mim* desempenha a função de Adjunto Adverbial.

b) *Ti*.

c) Porque está concordando com o seu sujeito, que no caso é a oração seguinte ("*descobrir entre mim e elas pontos de identificação...*").

29) Descubriam pontos de identificação entre elas e as freiras. É possível chegar a essa conclusão através do pronome *o*, que na frase *ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como o faziam Maria José e Glória* está retomando toda a oração anterior.

30) Aproveitamos a oportunidade para informá-lo de que nosso representante irá em breve visitá-lo, **quando (ou ocasião em que)**, temos certeza, iniciaremos novos negócios.

31) Alternativa: C

32) á sua

33) Pesem júri

34) ... não só estava **certo de ser amado**... O autor utiliza o pronome para evitar a repetição de termos e tornar a construção mais coesa.

35) Para evitar possível ambigüidade, uma vez que o pronome *ela* poderia retomar também comproviciãna. O pronome *esta*, no entanto, refere-se obrigatoriamente ao termo mais próximo (Rita).

36) O pronome *isso* refere-se ao imóvel anunciado no anúncio. Entretanto, deveria ter sido utilizado o pronome *isto*, visto que faz referência a algo mais próximo do emissor, e não do receptor.

37) Alternativa: E

38) Alternativa: A

39) a) "os homens e as mulheres".
b) "palavras"
c) das quais

40) *lo* (esquecê-**lo**), *lhe* (fugiu-**lhe**) e *o* (nem **o** esqueceu) São anafóricos, pois retomam termos já mencionados no texto.

Obs: poderíamos entender Anáfora como a figura de linguagem que consiste na repetição de uma mesma estrutura, sugerida na repetição da conjunção *nem*. Preferimos, entretanto, considerar essa repetição um polissíndeto (repetição de uma mesma conjunção). De qualquer forma, tratou-se de uma questão polêmica e considerada mal formulada por alguns.

41) O verbo **confiar** na acepção de **crer**, **acreditar** é transitivo indireto e rege a preposição "**em**". Assim, temos:

- O consórcio **em** que o Brasil inteiro confia.

42) a) Não. O pronome relativo **onde**, segundo a norma culta, tem valor locativo, ou seja, deve ter como referência um nome de lugar. No trecho, o conector está sendo empregado para estabelecer uma relação semântica entre uma premissa e uma conclusão. Como não há qualquer termo de valor locativo, trata-se de um emprego inadequado.

b) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, portanto (de modo que /assim) o tempo de retorno do capital investido tem de ser o menor possível.

43) Na frase "Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de costume", a expressão "dos pequenos" restringe o sentido do pronome indefinido "quem": Quem dos pequenos entrava... Na expressão "dos pequenos", com efeito, o "dos" (de + os) significa "dentre os", configurando o valor partitivo da expressão.

44) Alternativa: A

45) Alternativa: B

46) Alternativa: A

47) Alternativa: B

48) Alternativa: C

49) a) O pronome **você** está sendo usado de maneira generalizante, referindo-se a qualquer pessoa (às pessoas em geral). Esse uso é típico da linguagem oral, coloquial.
b) Sim. O fato de o aluno nem prestar atenção é colocado como algo bastante negativo para a professora e, ao mesmo tempo, como comum à empregada. Portanto, fica subentendido que o que a empregada fala não é merecedor de atenção.

50) Alternativa: A

51) Alternativa: A

52) a) Há várias possibilidades. Entre elas:
Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar-**lhes** melhor o peso, à luz do princípio geral que **as** vem regendo.

-Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o **seu** peso, à luz do princípio geral que vem regendo-**as**.

- Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **delas**, à luz do princípio geral que vem regendo **a elas**.
É evidente que também seriam possíveis combinações das formas acima.

b) Há várias formas, entre elas:

Quando se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...

Assim que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...

Logo que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...

53) a) Orientação para o uso deste medicamento
Antes de usar este medicamento, verifique se no (também é aceitável *do*) rótulo constam as seguintes informações: seu nome, o nome de seu médico, as datas de manipulação e de validade, e a fórmula do medicamento solicitado.

b) O pronome "seu" faz referência à pessoa que comprou o medicamento. Essa conclusão é possível porque o pronome "seu" aparece, com o mesmo referente, na expressão "seu médico" e como não faz sentido que o remédio tenha um médico, o pronome "seu" só pode estar referindo-se ao leitor.

54) a) ...quase toda gordura retirada permanecendo as outras qualidades nutricionais.

b) Não, pois é a gordura está relacionada também como qualidade nutricional, no entanto, quase toda ela é retirada do produto e isso está apresentado como vantagem.

55) Alternativa: D

56) TODO homem é mortal porque os seres humanos, em sua totalidade, morrem.

O homem TODO não é mortal porque o ser humano tem corpo e alma. O corpo morre, mas a alma não, então uma de suas partes permanece viva.

57) Alternativa: A

58) Alternativa: C

59) a) O sentido das preposições essenciais “para” e “por” empregadas nos textos de Marina Colasanti e Mário Lago, respectivamente, não é o mesmo. A primeira estabelece relação de finalidade: manifesta o desejo (a intenção) que o poeta sente de fugir da inércia (do imobilismo) e de se libertar da rotina (da escravidão do trabalho). Já a segunda estabelece relação de causa, evidenciando a razão pela qual o enunciador gosta (o motivo que provoca a necessidade).

b) Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso, preciso sim por gostar.

Outra possibilidade seria:

Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso; preciso, sim, por gostar.

60) Alternativa: C

61) Alternativa: D

62) Alternativa: B

63) Alternativa: D

64) Alternativa: C

65) Alternativa: B

66)

a) Remeteremos, em seguida, os pedidos que nos encomendaram."

Pronome relativo anteposto ao verbo atrai o pronome oblíquo átono para próclise

b) "Ela veio, de modo que você agora está dispensado."

De modo que é expressão invariável.

67) a) "Esta é uma tarefa para eu fazer sozinho, não admito que se repartam as responsabilidades entre mim e outra pessoa"".

Eu fazer - sujeito de verbo tem que ser pronome do caso reto

Se repartam - passiva sintética, o sujeito é responsabilidades

Entre mim e outra - com preposição entre usa-se a forma oblíqua do pronome eu

b) "Ele tomou as decisões mais oportunas."

Redundância na repetição do objeto direto.

68) Alternativa: A

69) Alternativa: E

70) Alternativa: C

71) Alternativa: C

72) Alternativa: A

73) Alternativa: E

74) Alternativa: B

75) Alternativa: B

76) Alternativa: D

77) Alternativa: B

78) Alternativa: D

79) Alternativa: B

80) Alternativa: D

81) Alternativa: B

82) Alternativa: E

83) Alternativa: C

84) Alternativa: B

85) Alternativa: C

86) Alternativa: B

87) Alternativa: A

- 88) Alternativa: D
- 89) Alternativa: E
- 90) Alternativa: D
- 91) a) No texto de Machado de Assis o argumento apresentado pelo Diabo é que tudo aquilo que pertence ao indivíduo pode ser vendido. Segundo ele seria contraditório considerar que apenas os bens materiais podem ser vendidos; de acordo com o Diabo, nada pertenceria mais ao indivíduo do que a própria consciência.
- b) Refere-se ao *direito à venalidade*.
- 92) Alternativa: A
- 93) Alternativa: C
- 94) Alternativa: B
- 95) Alternativa: B
- 96) Alternativa: E
- 97) Alternativa: E
- 98) Alternativa: C
- 99) Alternativa: A
- 100) Alternativa: A
- 101) Alternativa: C
- 102) Alternativa: D
- 103) Alternativa: D
- 104) Alternativa: A
- 105) Alternativa: A
- 106) Alternativa: E
- 107) Alternativa: B
- 108) Alternativa: C
- 109) Alternativa: B
- 110) Alternativa: A
- 111) Alternativa: B
- 112) A quem
Para onde
Que
A que
Por cujo
- 113) Mim
Eu / ti
Mim
Eu
Me
Mim
A
A
Eu
- 114) Alternativa: B
- 115) Alternativa: D
- 116) Alternativa: D
A questão explora conhecimentos gramaticais e incide sobre o uso dos pronomes grifados no trecho “Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém alguns que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)”. O candidato deverá identificar, dentre três assertivas, as que são verdadeiras acerca do uso desses termos. Ambas as formas, algum e alguns, são pronomes indefinidos, portanto, é correta a assertiva I. É correta também a III, porque algum vem após o verbo da oração, posição que lhe confere uma marca negativa (Neves, 2000:543). A assertiva II não está correta, uma vez que o verbo haver é impessoal. Assim, deve ser assinalada a alternativa D.
- 117) Alternativa: E
- 118) Alternativa: D
- 119) a) C
C
E
C
E
b) a concordância se faz com o pronome Quem, da 3ª pessoa sing.
c) o verbo concorda com a idéia de plural do numeral 200 - questão 3
- 120) Alternativa: A
- 121) Alternativa: D
- 122) Alternativa: B

123) Alternativa: E

124) Alternativa: A

125) Alternativa: D

126) Alternativa: D

127) Alternativa: D

128) F

V

F

V

V

129) Resposta: 01

130) lembrar ao ouvinte ou ao leitor algo já mencionado. Cartão de Natal - a idéia é a de que o poeta se refere ao Menino Jesus.

131) O uso de pronomes não corresponde à norma culta, porque o poema em questão pertence ao Movimento Modernista, da primeira fase, que se propôs a romper com os padrões tradicionais.

132) A recorrência do uso de possessivos: o Sábado era seu ("seu Sábado"), sua mulher, seu filho. A evocação da mulher, sob a forma do vocativo: "Catarina!" (... "Catarina!").

133) A forma *você* assume valor genérico. Pode fazer referência à pluralidade de interlocutores: o próprio eu-poético, o leitor, todo ou qualquer homem que se identifique com a experiência representada no poema.

134) Resposta: 06

01-F

02-V

04-V

08-F

16-F

32-F

64-F

135) a) Susanita quis dizer que zero era muita nota para Manolito. Isso fica evidente na fala "Tanto assim?". Já Manolito entende o oposto, ou seja, que Susanita achava a professora injusta por dar a ele nota muito baixa.

b) Há duas possibilidades, uma com a 2ª pessoa do singular (tu), outra com a 3ª do singular (você) na segunda pessoa: "Imagine só, te dar zero! Tua professora está louca!"

na terceira pessoa: "Imagine só, lhe dar zero! Sua professora está louca!"

136) a) **Eu**, Camacã, **conquistei**-o no dia em que **escolhi** por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou **meu** primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que **me** mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco a **mim**, o velho chefe ...

b) A forma **do qual** (e suas flexões).

No padrão culto, fazendo a alteração, teríamos: *a virgem dos olhos de fogo, no seio **da qual** te gerou seu primeiro sangue.*

137) Alternativa: A

138) Alternativa: B

139) a) Em "Eram duas caveiras que se amavam", o pronome oblíquo "se" é empregado como pronome reflexivo recíproco, ou seja, as caveiras "amavam-se uma à outra". Em "E matou-se de um modo romanesco", o pronome se é apenas reflexivo, equivalendo a "matou a si mesmo".

b) "Que o trocou por um defunto fresco."

Pela norma gramatical padrão, um pronome pessoal reto não pode ser empregado com a função de objeto direto. Essa função vai caber ao pronome oblíquo, "O".

140) Alternativa: A

141) a) Enquanto Iracema mantém o verbo na segunda pessoa do singular ("Donde vieste..."), Andedura faz a concordância na terceira pessoa do singular ("tu vai?"). Na terceira pessoa do singular, teríamos: Donde veio...

Você vai?

b) Trata-se da redução das formas *alaranjou* e *chegou* , em que o *u* final é suprimido.

142) a) "dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços". Nessa frase, o pronome demonstrativo *esses* antecipa "dos meninos sem pernas e braços".

b) A dúvida era esta: seria eu capaz de resolver todas as questões da prova?

143) a) O sentido é de posse por natureza (ou característica inerente a esse ser humano).

b) Sentido é de posse adquirida, não natural.

144) a) Academia Brasileira de Letras.

b) É uma variante do usual pronome "você" (que por sua vez apresenta origem do arcaico pronome *Vossa Mercê*). As variantes possíveis na atual língua falada são: "ocê" e "cê".

145) a) A busca da palavra pelo sertanejo é, segundo o poema, um processo árduo. As palavras enganam e parecem mais soltas e espontâneas do que realmente são. Dessa forma, fica evidente o contraste entre a busca áspera e o resultado na execução aparentemente suave da língua pelo sertanejo.

b) A palavra ela refere-se à fala do sertanejo. Trata-se de um pronome pessoal utilizado como elemento anafórico.

146) Alternativa: E

147) Alternativa: D

148) a) Estes são alguns dos equipamentos cuja entrada a reserva de mercado não permitia no país sem a autorização do DEPIN.

b) Fazer pesquisa insinuando que 64% dos brasileiros acham que existe corrupção no governo Itamar não é um ato inteligente de um jornal de que todos gostamos e pela conservação de cuja isenção é dever de nós brasileiros lutar - ou - por cuja isenção é dever de nós brasileiros lutar.

149) a) 'essa'

O pronome 'essa' é anafórico, ou seja, faz referência a um termo anterior.

b)

1. Seja por falta de vontade, de vocação ou de **capacidade**.

2. Seja por falta de vontade, de vocação ou **por** incapacidade.

Obs: a incoerência se dá na passagem 'falta ... de incapacidade'

c) 'está longe do desejado'

150) a) O cansaço da vida está associado ao verbo "alongar", e a proximidade da morte está associada ao verbo "encurtar".

b) Porque existe uma contraposição evidente entre "gastar" (no sentido de diminuir) e "crescer"; além disso, em certo sentido pode-se contrapor a "idade" (a maturidade) como um bem e a palavra "dano" entendida como um mal ou desgraça.

c) O elemento a que se refere o "ele" da última estrofe é o termo "bem" da estrofe anterior.

151) a) Segundo o excerto, 'nosotros' apresenta um sentido inclusivo atestado em sua composição, pois não é possível dizer 'nós' sem dizer 'outros'. Essa junção morfológica da língua coloca sempre em pauta a diferença como alteridade necessária e não como oposição e recusa na relação entre falantes de uma mesma língua e falantes de línguas diferentes.

b) O 'nós' é excludente, por um lado, porque separa os brasileiros de todos os cidadãos de outras nacionalidades. Por outro lado, no que diz respeito à nação brasileira, o 'nós' é excludente porque nem todo brasileiro fala a língua

portuguesa. Pela afirmação do item b), quem não fala a língua portuguesa deixa de ser brasileiro. Nesse caso, em sua resposta, o candidato pode explicar a relação excludente tanto pela palavra 'brasileiros', quanto pela palavra 'português'. "Nós brasileiros" afirma a unidade do povo, apagando sua heterogeneidade. "Falamos português" também forja uma unidade de língua que não corresponde ao conjunto complexo dos diferentes falares presentes no Brasil.

Esta questão ressalta o processo de interlocução como fundamental na relação dos falantes com a língua, apontando para o poder envolvido nessa relação. A discussão dos pronomes, trazida pelo autor, coloca em questão a hegemonia lingüística: respeitar a língua do outro significa considerar, mesmo nas pequenas diferenças lexicais, outras maneiras de interpretar o mundo. O item b), ao permitir ao candidato pensar sobre a unidade da língua e do povo também como uma questão interna ao Brasil, traz para a pauta de discussões a política lingüística. É importante que o candidato possa olhar para a língua como um conjunto de diferenças, para que perceba que a reflexão e o trabalho sobre esta, em seus diversos níveis de análise, implica, necessariamente, políticas de língua.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

152) a) A expressão "esses bichos", na carta, refere-se a "capivaras".

b) Duas passagens do texto em que ocorrem implícitos podem ser:

- "e sei que existem muitas capivaras, **mesmo dentro da área militar**". O advérbio "mesmo", nesse caso, estabelece o pressuposto de que, para o enunciador, não era esperada a presença de capivaras em área militar. Ele pressupõe também que os militares, conscientes de se tratar de animais potencialmente nocivos à saúde humana, tomariam medidas para afastar capivaras de sua vizinhança.

- "uma vez que **estão em zona urbana**". O verbo *estar*, nesse trecho, põe em evidência um estado transitório. Ao referir-se às capivaras, pressupõe o conhecimento, por parte do enunciador, de que tais animais não são comuns em áreas urbanas.

Entre outros implícitos que poderiam ser explorados pelo candidato, destacam-se, por exemplo, os pressupostos instaurados pelo verbo *surpreender*:

- o enunciador sabia da existência de capivaras no local, mas desconhecia a infestação de carrapatos em seu bairro;
- causa espanto o prazo de 15 dias para a divulgação do laudo, já que esse prazo é conflitante com a sua expectativa.

c) "infestação".

153) Alternativa: A

154) Alternativa: D

155) Alternativa: C

156) Alternativa: A

157) Alternativa: B

158) Alternativa: E

159) Alternativa: B

160) Alternativa: C

161) a) “certas situações”.

b) O pronome “as” e o seu antecedente, “certas situações”, têm a mesma função sintática: objeto direto do verbo resignar.

162) a) A pessoa amada se revela formalmente como terceira pessoa do singular, o que fica evidente no uso do pronome do caso reto *ela* (“quanto me ela jura mais”), no pronome possessivo *seus* (“seus olhos”) e no pronome pessoal do caso oblíquo *lhe* (“vendo-lhe ofender”).

b) Porque, no texto de Noel Rosa, a pessoa amada é indicada através do pronome de tratamento *ocê* (“Você é um ente”), que tanto pode se referir a um homem quanto a uma mulher. Além disso, a palavra *ente* também não permite a distinção de sexo.

163) a) aquela refere-se à poesia, enquanto esta refere-se à história.

b) O historiador lida com acontecimentos “que sucederam”, de caráter particular, já o poeta trata dos fatos que “poderiam acontecer”, de caráter universal. De maneira resumida, pode-se dizer que o historiador trata dos fatos que já ocorreram, enquanto o poeta trata dos que poderiam acontecer.

164) a) modo imperativo

b)

Se hoje eu a/o odeio amanhã lhe tenho amor.

ou

*Se hoje eu te odeio amanhã tenho-te amor. (ou Se hoje eu te odeio amanhã te tenho amor, embora, neste caso, ocorra a colisão entre os dois tes: **te tenho**, ou ainda, *Se hoje eu te odeio amanhã tenho amor a ti*)*

165) a) Na *Cantiga* (de amigo) do trovador Airas Nunes, o eu-poemático feminino dirige-se a duas outras moças, ora chamadas de amigas, ora de irmãs, elegendo-as interlocutoras de sua fala.

Já em *Confessor Medieval*, de Cecília Meireles, o eu-poemático apresenta-se na figura de um confessor ou

confidente que interpela uma moça apaixonada, que se torna assim interlocutora da voz lírica do poema.

b) No primeiro texto, o eu-poemático utiliza, para se referir aos interlocutores, a 1ª pessoa do plural (“bailemos”, “nós”). O pronome “nós”, nesse caso, inclui quem fala (1ª pessoa) e com quem se fala (2ª pessoa). Já no segundo, a pessoa gramatical utilizada para se referir ao interlocutor é a 2ª do singular (“irias”, “tu”, “teu”).

166) a) Para manter a rima com *mamilo*

b) Há duas formas possíveis:

Em terceira pessoa:

Vou inquiri-lo,
Alma danada,
Ao seu mamilo,
Junto ao cautério,
Morra o mistério.

Em segunda pessoa:

Vou inquirir-te,
Alma danada,
Ao teu mamilo,
Junto ao cautério,
Morra o mistério.

167) a) “Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido”, o pronome relativo **que** substitui a expressão **uma velhinha**.

b) Pela boca da noite vem uma velhinha que recolhe **os carvões**, dobrando-se com um gemido.

168) a) sua mãe - você

b) facilidade para comprar algo - mérito

169) Alternativa: D

170) Alternativa: A